

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA n.º 27

Ano 1974

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.

LENDAS DOS ÍNDIOS IRÂNXE



INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça Tiradentes, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça Tiradentes, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany**

We ask for exchange with publications of similar character.

— — — —

LENDAS DOS ÍNDIOS IRÂNXE

Pe. ADALBERTO HOLANDA PEREIRA, S. J.
Pesquisador da Universidade Federal de
Mato Grosso (1).

OS FILHOS DA ANTA

Era uma família: o pai, a mãe e três irmãos. O mais novo chorava de noite.

Um dia, os irmãos mais velhos levaram o irmão mais novo para tomar banho num córrego. A mãe fora arrancar mandioca. Os irmãos perguntaram para o mais novo:

— Por que você chora de noite?

— Eu sempre vejo o pai mexendo com a mamãe. Mamãe tem vagina grande.

— Nós vamos fazer assim: vamos apanhar areia vermelha e passar na cabeça, na perna e em todo o corpo, pra mamãe não reconhecer a gente.

Foram onde estava a mãe. Perto, escutaram ela arrancar mandioca.

— Vocês fiquem aqui, — disse o mais velho — eu vou chegar devagarzinho, derrubo a mamãe, tapo o rosto dela. Então eu chamo vocês. Você faz coisa feia com ela — disse para o menor —, depois você, depois eu.

Tudo combinado, o irmão maior foi, pulou em cima da mãe e derrubou. Os outros chegaram e fizeram como tinham previsto. Largaram a mãe e correram. E ela:

— Quem é essa gente, donde veio?...

Os moços foram ao córrego, lavaram-se e voltaram de carreira pra casa. Pegaram as flechas e foram pescar matrinxã. Assaram e comeram com beiju e chicha. Chegou a mãe e disse:

— Tragam água para mim, quero tomar banho, estou suando.

(1) O autor agradece a participação do Pesquisador da mesma UFMT, Pe. José de Moura e Silva, S. J., como co-autor de algumas lendas e co-redator de todo o trabalho.

Cfr. Moura, S. J., José de, Os Iranche, Pesquisas n.º 1, pág. 171/2, 1957, Porto Alegre e Idem, Os Münkü — 2.º Contribuição ao Estudo da Tribo Iranche, Pesquisas, Antropologia, n.º 10, pág. 42-59, 1960.

Levaram a água. Depois o mais velho disse:

— Mamãe, nós matamos matrinxã, fizemos beiju e chicha. Está tudo preparado para você comer.

A mãe entrou em casa e comeu. Os moços saíram fora para fazer flecha. Acenderam um fogo. Depois a mãe saiu também. Chamou o filho menor:

— Venha aqui, para eu catar piolho em você.

— Não, mamãe, eu não tenho piolho.

— Se você não vem, eu vou apanhar uma vara...

O menino ficou com medo e foi sentar pertinho da mãe. Ela foi abrindo os cabelos do menino, mas o que queria mesmo, era ver se tinha areia. E encontrou um restinho.

— Foram eles mesmos que fizeram aquilo comigo... — Pensou.

Pegou o menino, pra jogar no fogo. Os irmãos não deixaram. Ela correu e virou anta. O pai tinha ido buscar tucum. Quando foi descer o xire, este caiu e amassou o pé do homem. O homem virou anta também e correu.

Os moços, mais uma vez, estavam tomando banho. O maior viu uma fruta de caju descendo pela água. Nadou, apanhou e comeu. O mais novo começou a chorar.

— Por que você está chorando?

— Nós fizemos aquilo com mamãe e ela virou anta e foi embora...

O irmão maior disse:

— Olhe aqui estes dentes. Eu encontrei dentro do caju: um é do papai e o outro da mamãe. Vamos esperar, eles vão voltar.

Demorou um pouco e já vieram rolando na água mais dois cajus. O mais velho tornou a apanhar:

— Não falei para vocês? Então, esse é o dente do papai mesmo e esse outro é o da mamãe. Vamos subir e procurar o pé de caju.

Chegaram lá. Os pais tinham comido muita fruta.

— Vamos fazer mais flechas e matar. Eu vou esperar no trilho do papai e vocês dois, no trilho da mamãe. — Disse o maior.

Foram ainda em casa e disseram para a vovó:

— Vamos esperar anta.

— Mas por aqui não tem anta.

— Tem sim, vovó. Lá tem um pé de caju onde anta comeu fruta. Você vai ver. Nós vamos trazer o fígado para você comer.

Mas o mais novo ficou com a vovó em casa. Os outros dois foram e o mais velho combinou:

— Quando eu flechar, você flecha também.

De tardezinha, as antas vinham vindo pelo trilho. Os dois irmãos flecharam. As duas antas correram. Os dois foram atrás e acharam deitadas: o pé de gente e o corpo de anta. Levaram o fígado para a vovó.

— Tá vendo, vovó, você disse que aqui não tem anta... Agora vai comer o fígado delas!

— Mas como é isso?

Assim mesmo assou o fígado.

Pela manhã, os moços iam saindo para tomar banho. A vovó pediu ao maior para trazer água na cabaça.

— Apanha a cabaça! — Disse o maior para o menor.

— Eu não quero carregar água.

— Vai, busca a cabaça pra trazer água! — Repetiu.

Então o mais novo voltou, pegou a cabaça, apanhou água e deixou no meio do caminho perto de uma casa de marimbondo.

— Está aqui, vovó, pode vir apanhar! — Disse o menino e voltou para tomar banho.

A vovó foi apanhar a cabaça. Pisou bem em cima da casa do marimbondo. Amassou tudo. Os marimbondos ferroaram a vovó e ela deu um grito e morreu.

Os netos ouviram o grito e foram ver.

— Mas como que você fez isso com a vovó? — Disse o irmão mais velho. E zangou com os dois.

Enterraram a vovó ali mesmo.

— Agora estamos sozinhos. Vamos ficar por aqui...

Demorou um pouco, foram tomar banho outra vez. Apareceu um velho.

— Nós pensávamos que não tinha mais gente por aqui.

— Escutei o barulho de vocês e vim ver quem era. Eu moro sozinho com a minha mulher e estou precisando de gente para me ajudar a fazer roça. Vocês não querem vir comigo?

Os moços foram com o velho. Na casa dele, primeiro comeram matrinxã assada. Depois o velho disse:

— Vamos lá comigo, eu vou mostrar o lugar da roçada.

No meio do caminho, o velho disse:

— Vocês esperem! Eu deixei uma armadilha de matrinxã e vou primeiro olhar. Na minha volta, a gente come mais matrinxã e depois vamos roçar.

O velho se afastou e ficou demorando. Desistiram de esperar. O maior disse:

— Já que esse velho não chega, vamos derrubar a roça. Já é meio-dia!

Fizeram uma grande ventania, que derrubou a roça. O maior disse:

— Vamos pra casa comer. Agora esse velho tem de dar comida para nós, porque trabalhamos muito e estamos com fome.

Chegaram em casa e a velha perguntou:

— Onde está o meu marido?

— Ele falou que ia apanhar peixe na armadilha.

— Mentira, vocês mataram o meu marido.

— Não, nós não matamos. Ele ainda vai chegar, você vai ver.

Mas a mulher não acreditou. Pegou uma vara e surrou os três.

— Vamos embora, porque trabalhamos e essa velha ainda veio bater em nós! — Disse o maior. E foram embora assim mesmo com fome.

Chegou o velho com os peixes.

— Os meninos não chegaram?
— Chegaram aqui muito cedo e já querendo comer. Eu logo pensei que eles tinham matado você. Bati neles e foram embora.
— Que pena, mulher! Eles num instante fizeram uma grande derrubada para nós. Eu vou na casa deles, para ver se voltam de novo comigo.

Chegou à casa deles e falou:

— Vocês não querem vir de novo comigo?

— Não, nós não vamos mais: sua mulher bateu em nós e nem deu comida!

O velho voltou para a casa.

Depois de uns dias, os irmãos fizeram muitas flechas e foram embora dali, porque estavam sozinhos. Já muito longe, encontraram calango do mato.

— Que que você está fazendo? — Perguntou o mais velho.

— Eu vou aqui no rasto do tatu-liso. E vocês donde vieram?

— Nós viemos de muito longe e estamos andando por aqui.

Todos juntos foram no rasto do tatu-liso e encontraram o buraco dele. Os moços arrancaram e deram para o calango.

— Agora vocês vêm comigo: eu tenho três filhas para vocês. — Disse o calango.

— Eu não vou, esse homem é muito feio. — Disse o mais novo.

— Então vamos pra frente. — Disse o mais velho.

De tarde pousaram. Cedinho ainda disse o mais velho:

— Vamos logo, que temos de andar muito longe.

De tarde escutaram bater machado.

— Vamos ver quem é? — Perguntou o mais velho.

— Vamos.

Era o pica-pau. Chegaram até debaixo da árvore onde estava o pica-pau e o maior falou:

— Oh, sogro, estou aqui andando com os meus irmãos!...

— Pois eu estou aqui tirando mel. Esperem um pouco. Eu vou acabar de furar o pau e desço com o mel para vocês também.

Demorou um pouco, o pica-pau furou o mel, bateu tudo e jogou só cera para os moços.

— Não, sogro, nós queremos é mel, estamos com fome.

— Então lá vai! — Disse o pica-pau. E jogou mais cera.

— Olha, sabe de uma coisa, disse o mais velho — vamos subir e tirar mel para nós.

Flecharam e derrubaram o pica-pau.

— Vamos cortar o escroto dele e levar. — Disse o mais velho.

Tiraram o mel e comeram. Cortaram uma vara, fincaram o escroto nela e foram embora carregando. Pousaram na primeira água. Andando ali por perto, acharam o trilho das mulheres lontras.

— Vamos fincar a vara e o escroto do pica-pau no trilho e vamos ver o que vai acontecer. — Disse o mais velho.

Fincaram e ficaram espiando.

Não demorou muito, chegaram uma moça e um moço. Esse passou na frente da moça e gritou:

— Olha, aqui tem um pênis, parece que é de pica-pau.
A moça passou de carreira. Logo mais chegou uma velha lontra:
— Mas que coisa gostosa está aqui me esperando. Pena que não é o corpo inteiro. — Pegou o pênis do pica-pau e esfregou na vagina.

— Mas é gostoso! — Disse a velha.

Deixou de novo na vara e foi para o córrego. Os três moços começaram a rir, mas o maior disse:

— Fiquem quietos, se não ela vai nos comer. Vamos agora só olhar.

Veio outra velha. Fez a mesma coisa que a primeira. Mas levou o pênis do pica-pau embora.

Os moços então seguiram viagem. Pararam perto de uma sumaneira, para pousar. De tardezinha, veio o jacu comer a fruta da sumaneira. Os moços flecharam e comeram o jacu.

No outro dia de manhã, o maior falou:

— Vamos primeiro caçar as nossas flechas de ontem e vamos pra frente.

Mas não acharam as flechas. O mais velho falou:

— Vocês vão olhar lá na frente. Eu vou flechar de novo. Onde essa minha flecha cair, aí estão as outras ontem.

Os irmãos foram. Quando o mais velho disse: — Lá vai! — E soltou a flecha e esta caiu, o urubu apanhou e escondeu detrás do pau.

O irmão do meio gritou para o maior:

— Parece que gente apanhou a flecha. Você não viu?

— Não, não vi.

— Então joga outra e olha melhor.

O moço jogou mais uma flecha. Quando caiu, o urubu apanhou outra vez e escondeu. Desta vez, o mais velho viu e falou para o urubu:

— Por que você está apanhando e escondendo as nossas flechas?

— São muito bonitas.

— Então espere aí, vamos conversar.

E juntaram os três irmãos com o urubu.

— Estou aqui andando com os meus irmãos.

— O meu acampamento é aqui perto. Vamos lá, para conversar melhor.

— Então vamos.

No acampamento, o urubu falou:

— Eu tenho três filhas para vocês...

— Mas como vamos acompanhar esse homem? É muito mais feio que o calango do mato! — Disse o menor.

— Não. Agora nós ficamos com esse homem! — Resolveu o maior.

Em casa, o urubu foi logo dando comida para eles. Depois deu as três filhas para os três moços. O mais velho ficou com a maior; o do meio, com a do meio; o menor, com a menor.

No dia seguinte, o urubu falou:

— Vocês vão lá tirar palha de buriti, para fazer casa.

Quando o mais velho subiu no pé de buriti, veio o gavião grande para pegar. Mas ele derrubou o gavião com uma paulada e quebrou a asa. Levaram para o urubu. Quando chegaram em casa, o mais velho falou para o urubu:

— Eu trouxe um gavião para você comer. Eu quebrei a asa dele, quando avançou em mim no pé de buriti.

Mas o gavião era cria do urubu. O urubu pegou o gavião, levou até um caminho perto da casa e soprou. E o gavião voou de novo.

No outro dia, o urubu tornou a falar para os seus genros:

— Hoje vocês vão buscar pau para as casas.

Quando já estavam no mato, quase que um deles pisou numa cobra boipeva. Mataram e levaram para a casa.

— Aqui está, meu sogro, quase que ela nos mordeu. Então nós matamos e trouxemos para você comer.

— Está bem, eu não vou comer, mas vou enterrar.

Ali perto da aldeia o urubu fez foi reviver a cobra.

No outro dia, o urubu saiu para caçar tatu-liso. Ao meio-dia voltou contando que o tatu-liso tinha entrada num buraco:

— Eu chucei com uma vara, mas ele entrou mais ainda. Eu vim chamar vocês para ajudar a tirar o tatu-liso.

— Vamos — Disse o mais velho.

No buraco, o urubu disse:

— Eu vou cavocar primeiro.

Cavocou, cavocou... Saiu e disse para o mais velho:

— Agora, você!

O moço entrou e começou a cavocar. De repente, o urubu foi dar uma porretada no pescoço do moço, mas errou.

— Que é isso, sogro! Não faça assim, você quer me matar?

— Não quero matar você. Foi o pau que caiu da minha mão. Pode continuar cavocando.

— Não quero mais! — E saiu.

— Então está bem, eu vou de novo. — Disse o urubu e entrou.

— Agora você me paga. Eu sou casado com a sua filha, mas agora eu vou matar você. — Pensou o moço.

Pegou o pau e deu no pescoço do urubu e enterrou naquele mesmo buraco. Em casa, contou para a mulher.

Mas a sogra ouviu e saiu para o mato à procura de marimbondo e tocandira.

A filha do urubu falou para o marido:

— Você matou o meu pai. Foi bom. Ele era muito perigoso. Vamos matar a mamãe também!

Saíram correndo e cercaram a casa da velha. Quando abriram a porta, a velha não estava dentro.

— Olhem, — disseram as mulheres para os maridos — ela foi buscar marimbondo para matar vocês. Nós vamos fazer um buraco grande para vocês ficarem dentro escondidos.

O buraco só deu para dois. Então o menor ficou noutra buraco. Os marimbondos e as tocandiras chegaram e mesmo os moços estantão enterrados, ferroaram e foram embora. As filhas da velha falaram:

— Mamãe, vamos tirar os nossos maridos. Será que eles morreram?

Os dois mais velhos estavam mortos e o mais novo, vivo.

— Vamos ficar com ele para o nosso marido.

— É, eu vim para cá com os meus irmãos, pensando que os pais de vocês eram bons, eu perdi os meus irmãos.

As mulheres começaram a chorar. Entretanto o moço ficou lá mesmo e cada noite dormia com uma mulher e começou a emagrecer só de tristeza.

Um dia ele andava com as suas mulheres no mato, juntando penas de passarinho debaixo de um pé de mangaba. Quando já havia muita pena, o moço falou:

— Eu vou cagar lá debaixo do pé de mangaba. Vocês esperem pra cá. Quando eu estiver pronto, eu venho.

O que o moço fez foi tirar leite de mangaba e passar nas penas e pregar nos braços.

Como demorava muito, as mulheres chamaram para ir embora. O homem levantou vô e sentou primeiro baixinho. As mulheres continuaram chamando e nada do moço voltar. Então foram lá ver. E ele apareceu trepado num pau baixo com asas.

— Ah, venha para cá, não faça assim! — Disseram as mulheres e começaram a chorar.

— Os meus irmãos morreram por causa de vocês. Eu não quero mais nada aqui. Vou embora para a minha terra. Não precisam chorar por mim.

Então as mulheres deitaram no chão, com as pernas abertas, para ver se o moço voltava. Mas o moço voou outra vez e se sentou num pau mais alto. Elas chamaram ainda. O rapaz disse:

— Não adianta, eu vou embora!

Voou agora bastante alto e deu uma volta por cima das mulheres, falando:

— Não adianta, estou voando para ir embora. Vou para a minha terra e a dos meus irmãos.

Tomou a direção da sua terra antiga e sumiu no céu.

A mulher mais idosa falou:

— Vocês têm continhas. Vamos repartir e fazer colares para pôr no pescoço e vamos ficar aqui debaixo dessa moitinha sempre chorando. Todo o mundo que escutar o nosso choro se lembrará de nós.

E cada uma entrou debaixo de uma moitinha e começaram a chorar: — tinc, tinc, tinc...

Os civilizados ouvem isto, pensando que é simples passarinho manso e pequeno que voa de noite. Mas não é. São aquelas moças que viraram ówanakuxutuh, de pescoço branco, por causa dos colares.

UMA VISITA AO OUTRO MUNDO

Era uma família. Morreu o pai, a mãe e uma filha. Restaram três irmãos. Um dia, pegou fogo numa grande várzea perto da casa.

— Vamos pegar ratão do campo, quando sair do fogo e depois vamos beber água. — Disseram os meninos e foram.

O mais novo, ao se aproximar da várzea, avistou mel manduri. Cavocaram, tiraram o mel, levaram para a água, pra fazer chicha e beber. Quando abaixaram, o mais novo viu um bicho que parecia sucuri.

— Olhem, ali tem um bicho e ele quer nos comer.

Correram para trás e no buraco donde tinham tirado mel, se esconderam com flechas envenenadas de curare. A sucuri correu atrás deles seguindo pelo rasto. Perto do buraco, a sucuri parou. Os três flecharam ao mesmo tempo e acertaram bem no coração. A sucuri ainda correu até à beira do córrego, tirou o couro, deixou ali e caiu n'água e morreu.

Os moços pegaram o couro da sucuri e voltaram para o mesmo buraco. O irmão mais novo falou:

— Eu queria voar nesse couro até lá em cima, para ver a alma de minha irmã.

Espicharam aquele couro com varinhas. Fizeram um jirau com talo de buriti e colocaram o couro em cima. Fizeram fogo debaixo e jogaram formiga-carregador dentro do fogo. O couro ficou bem leve e formou-se uma fumaça preta e o céu se tornou igual ao céu de chuva.

Colocaram o couro nas pontas de quatro varas altas. Sentaram em cima para experimentar: o irmão mais velho ficou na cabeça; o mais novo, no meio; o do meio, na cauda.

As varas caíram e o couro saiu voando com os três moços, fazendo um barulho igual ao trovão no começo das chuvas. Voaram primeiro pouco e voltaram para o lugar de saída.

— Nós agora somos sabidos!...

Fizeram de novo o mesmo preparo: o couro saiu voando com eles. Desta vez, chegaram até perto da casa deles e voltaram ainda ao mesmo lugar e foram a pé para a casa e perguntaram para as mulheres:

— Vocês escutaram um barulho?

— Escutamos um barulho como se fosse um trovão, mas agora não é tempo de chuva. Deu um chavisquinho e parou.

— Nós agora somos gente sabida. Vamos até lá em cima ver nossa irmã que morreu.

Foram novamente até o buraco do mel, fizeram fogo, colocaram as varas, sentaram no couro e saíram voando. Foram longe e voltaram. O irmão mais velho falou:

— Nós agora vamos ver a nossa irmã, nosso pai e nossa mãe.

Foram e chegaram lá em cima, onde Māpsí mora. Encontraram duas estradas: uma larga e outra estreita. Deixaram o couro perto da casa de Māpsí e seguiram a pé. Tinha muito Māpsí, como se fosse cidade. Foram andando.

Os Māpsí vieram se encontrar com eles. O chefe ali é Náhi. Esse mandou arrancar os cabelos deles para ver se estavam vivos. Os cabelos não estalaram: estavam vivos, eram apenas visitas.

Māpsí é velho, dança feio e come bosta. Māpsí queria comer os três.

Ali tem mandioca, amendoim. Um homem chamou as crianças para tomar banho. Foram tomar banho onde havia muitos pés altos de bacaba. Um homem subiu num deles e virou a cabeça para baixo e fez assim:

— um... um...

Quando a gente na terra escuta o trovão no fim das chuvas, é esse homem que está fazendo assim.

Depois de descer do pé de bacaba, o homem pediu a um dos meninos para experimentar a mesma coisa.

— Eu não sei. — Disse a criança.

Quando um outro homem, em vez de um... um..., faz: te... te... te... le... le... le..., é o trovão da seca.

As crianças foram embora dali. Mais adiante, convidaram uma pessoa dali para descer à terra. A pessoa respondeu:

— Não, eu não quero.

Os meninos pediram curiangu e tatu para a viagem de volta à terra. Disseram:

— Pode matar, mas só os velhos.

Depois pediram tatu-canastra e responderam:

— Mas só velho também.

Então, um diabo — Mamu — veio agradecer os três meninos. O mais velho falou:

— Olhem, quando ele fizer alguma coisa, vocês não achem graça, senão ele come.

Tinha um pé de bacaba que estava no meio dos outros. O diabo subiu e começou a arregalar os olhos e fazia muitas gracinhas. Mas ninguém riu. O diabo sossegou.

Chega uma vovó e convida os meninos para tomar chicha na casa dela. A chicha era de bosta. Não beberam: disseram que tinham criança pequena. Estavam mentindo.

O chefe convidou para irem à sua casa. Foram. Agora o chefe ofereceu uma chicha muito boa e amendoim socado com carne. Comeram bem. Náhi falou:

— A anta faz muita sujeira na terra. Por isso, o pessoal morre e vem para cá e eu assim fico triste. Eu por mim, nunca chamei ninguém para cá.

Náhi falou isso e começou a chorar.

— Vocês estão vendo esse pessoal daqui? De noite viram cobra, mas vocês não precisam ficar com medo.

Quando escureceu, chegou uma cobra, dependurou na rede e outra ficou na porta. A velha espantou as cobras com uma vara esquentada no fogo. Quando amanheceu, viraram gente outra vez. Nem parecia que foram cobras de noite.

Ao meio-dia, chegaram uns sobrinhos dos três meninos e falaram:

— Olhem meus titios, vamos tomar banho, está quente!

— Vamos! — Responderam.

Os três meninos perguntaram para um sobrinho:

— Como que vocês vieram aqui? A mãe de vocês chora todos os dias por vocês. Por que não vêm com a gente?

— Eu não vou. Pode deixar mamãe chorar. Quando eu era pequeno e minha mãe ia fazer chicha para ela beber, eu sempre atrapalhava. Eu não vou, porque eles não querem que eu more lá. Lá também xompò me ferrou: foi Mùnriki (assombração) que mandou.

Um sobrinho entrou num oco de pau, ficou dependurado e fez um grande trovão:

— Tulu... lu... lu... lu... (1).

Aí, ele desceu do oco do pau e falou para os tios:

— Quando vocês escutam o trovão, sou eu que faço assim.

Voltaram para a casa da vovó. Ela disse:

— Olhe, criançada, pode matar esse tatu-canastra pra comer. Do focinho dele é que faço cabaça pra dar banho nas almas quando chegam aqui.

Ao escurecer, o veado ensinou ainda:

— Náhi é bom. In?nuli é bom. Mas o pessoal de Náhi é mau. In?nuli chama as pessoas que judiam com as crianças na terra.

Um dia cedo, os meninos se despediram. Fizeram mais um convite para alguns descerem à terra, mas ninguém aceitou. Quando se despediram da irmã, ela disse:

— Eu esqueci lá em casa, na terra, um pente e um novelo de linha de algodão. Vocês podem apanhar o pente para passar no cabelo e a linha para fazer flecha.

Pegaram o couro novamente, fizeram o mesmo trovão e vieram embora. Desceram no lugar de onde saíram da terra e ali deixaram o couro. Parou o trovão e a chuva. Disseram:

— Mas somos sabidos. Fomos lá em cima e voltamos.

Foram a pé para a casa. O mais novo foi logo procurar o pente e a linha da irmã. Achou foi uma lacraia.

— Cuidado! — disse o mais velho — o pente que ela falou é essa lacraia!

O menino foi procurar o novelo. Daí a pouco deu um grito:

— Uma coisa me mordeu!

— Bem que eu avisei!

Foram ver o que era. Era uma aranha. O mais novo morreu e enterraram (1).

(1) Um informante fala de pé de bacaba.

(1) Um informante dizia: quando o padre fala do céu, na igreja, a gente sempre se lembra dessa história.

O SOL NOVO

O sol andava viajando e tinha que atravessar um rio e no meio era fundo. Chegou a abelha jati e pediu borra de mel.

— Eu tenho pouca, por isso não dou.

— Me dá um pouquinho e eu conto uma coisa para você.

— Então eu dou.

Por isso, hoje, o jati tem angu.

— Aí, do outro lado desse rio, mora Manã?mã (boi d'água) e ele come gente: vem para atravessar você e você precisa enganá-lo. Ele vai querer subir com você da água, num lugar. Não pula ali não. Pede primeiro para ir até aquela praia branca. Aí você escapa dele.

A abelha ainda acompanhou o sol. Na beira do rio, encontraram Manã?mã. O sol trepou nele e foi atravessando. Já perto da margem, mandou descer até a praia branca. Lá, firmou-se bem e pulou. Manã?mã gritou:

— U-u-ú... .

— Yô-o-ô... — Respondeu a mulher dele.

Manã?mã afundou e virou buritizinho (2). As abelhas voaram e foram embora.

O sol continuou a viagem e chegou na terra do sol velho, onde viu gente trabalhando. Escutou uma moça falando que queria casar com um homem novo. Outra moça dizia:

— Pois eu vi um.

— Eu não vi, mentira sua! — Dizia ao contrário, uma terceira.

As moças foram tomar banho e viram o sol novo e este também viu as moças.

— Moças bonitas! — Disse o sol.

— Sol bonito! — Disseram as moças e continuaram: — Vamos matar esse nosso sol velho, fraco, mau e comilão.

Chegaram em casa e disseram ao sol velho:

— Agora você vai comer e nós vamos arrumar uma cama boa pra você dormir.

Enquanto o velho comia, cavaram um buraco, puseram uns ramos de folha na boca do buraco e chamaram o sol:

— Mas olha que cama bonita, até é verde... deita!

O sol velho deitou e caiu. As moças fecharam o buraco. O sol novo casou com uma moça bonita. Foi até o meio do céu, por um caminho novo (sol de verão). Entregou o fogo para outros e voltou.

(2) Diz uma variante que Manã?mã zangou, os chifres caíram no chão, ficando só com dois. Aqueles que caíram, viraram espinho de carandá.

VARIANTE DE "O SOL NOVO"

Era o tempo de piqui maduro. Um homem foi apanhar. Deu com o lobinho debaixo de um piquizeiro. Parecia morto. O homem fez cócega na barriga dele. O lobinho correu, achando graça. O homem foi apanhando e comendo piqui.

Achou ainda uma gambá e pôs no xire, pensando também que estava morta. Mais adiante ela saltou do xire e saiu correndo. Nessa hora, o homem resolveu ir embora pra muito longe.

No dia seguinte, arrumou tudo e foi. Tinha andado muito. Subiu num pau perto de uma água. Chegou o besouro com fruta de buriti, para pôr dentro da água para amadurecer. O besouro viu a sombra do homem dentro da água e pensou:

— Como que de um lado a minha sombra é bonita e de outro é feia?

O besouro foi saindo contente, porque era bonito ao menos de um lado. Então o homem disse:

— Aquela sombra bonita era a minha. Eu estou aqui em cima. Você é feio dos dois lados.

O homem desceu e foi embora. Mas na frente encontrou Manã?mã numa água grande. Manã?mã disse:

— Você está por aqui. Onde que você veio? Espere, que eu vou lá em casa e volto para atravessar você.

Nisso, vieram as crianças de Manã?mã e contaram:

— Papai quer comer você.

Manã?mã já vinha vindo e escutou e perguntou para as crianças:

— Que que vocês estão falando para esse homem?

— Nós não estamos falando nada, papai, nós estamos só pedindo piqui.

Manã?mã entrou com o homem na água e foi atravessando. No meio do rio tinha umas ondas. Aí era a casa de Manã?mã. O homem ficou de pé nas costas do Manã?mã e deu um pulo. Manã?mã afundou. O homem nadou depressa, alcançou a ribanceira do rio, e foi correndo. Atravessou ainda um riozinho e continuou correndo. Manã?mã gritou:

— Mulher, cerca lá no caminho!

A mulher foi cercar, mas o homem já tinha passado. Então Manã?mã se virou para as crianças:

— Foram vocês que contaram que eu queria comer aquele homem. Agora vocês vão morar no campo, no mato e em qualquer lugar por aí.

As crianças foram e viraram abelha jati.

O homem já bem longe encontrou um caminho muito bonito. Apareceram duas das mulheres do sol. O homem escondeu atrás de um pau. As mulheres não viram bem. Uma delas olhou melhor e disse para sua irmã:

— Parece um homem. Vamos ver mais de perto. Você vai rodeando desse lado e eu vou do outro.

Foram se aproximando devagarzinho. Chegaram bem perto:

— Ah, nós agora vamos ter um homem novo!

Conversaram com ele. Em seguida apanharam folha de pacova, deitaram o homem em cima, embrulharam nas folhas e carregaram. Perto da aldeia, deixaram ali e entraram em casa. O marido delas estava fazendo um buraco para guardar massa. Uma mulher pediu para entrar dentro do buraco para ver se já estava bom.

— Falta um pouco ainda! — Disse a mulher.

O sol continuou cavando. Então uma mulher deu bem no peito dele com uma mão-de-pilão. Caiu morto ali mesmo, dentro do buraco. Fecharam mais que depressa e foram buscar o homem novo.

— Nós matamos o nosso marido. Você agora fica no lugar dele. Agora você é o sol. Você tem de fazer assim: fica aqui perto do esteio da casa. De manhã, você põe o rosto para lá (o nascente); ao meio-dia, você fica em pé perto do esteio da casa; de tarde, olha para cá (poente). Nossos irmãos estão caçando. Quando forem chegando, vão gritar: Oh meu chefe, você está aí? Você está bom? Você responde: eu estou bem aqui e vocês como estão? Todos bem?

Certa hora, o homem novo, sem experiência ainda, esquentou o sol demais. Quase ia matando os caçadores e os bichos. Os caçadores foram chegando e se queixaram: — Como que o sol está tão quente hoje! Que que o chefe está fazendo aí?

Um caçador se aproximou e olhou um pouco de longe. O homem novo estava parado perto do esteio do meio da casa. Contou para os outros:

— Eu vi um outro homem novo e bonito lá perto do esteio. Será que nossas irmãs arranjaram um outro homem? Vamos lá ver.

Chegaram e foram saudando e o homem novo respondeu. Os caçadores entraram na casa e entregaram a carne da caça para o homem novo. Esse pediu às mulheres para fazer beiju e todos comeram com carne. Depois o sol novo falou:

— Suas irmãs mataram o cunhado de vocês e ficaram comigo.

— Elas que sabem. Não fique triste, cunhado. Elas mesmas que mataram. — Responderam os caçadores.

UM HOMEM VIROU TAMANDUÁ-BANDEIRA

Um rapaz sempre andava atrás da mulher de um outro homem. Um dia, o homem falou para o rapaz:

— Ontem eu vi um pé de piqui do mato muito carregado. Eu sou velho, não posso mais subir. Vamos lá, para você tirar para nós.

— Amanhã você mostra para mim e eu tiro.

Na manhã seguinte, os dois foram. No pé de piqui, o homem disse:

— É esse.

— Está bem, eu vou caçar uma vara para eu poder subir. —

Disse o rapaz.

Arrumou a vara no piquizeiro e subiu. O homem subiu também até o primeiro galho do piquizeiro, desceu e tirou a vara e gritou para cima:

— Quero ver agora como que você vai descer. Você vivia atrás de minha mulher!

O homem foi pra casa largando o rapaz na árvore e em casa, disse para os outros:

— Meu companheiro sumiu. Acho que vai chegar mais tarde. Mas foi aquele dia, o outro e mais outro e o rapaz não chegou.

— Vou procurá-lo. — Disse o homem.

— Acho que bicho comeu.

Voltou contando que não achou nem a batida dele:

Foi passando o tempo e ninguém mais esperou por ele.

Quando o piqui começou a rachar, o rapaz lambia, mas não dava para matar a fome. Apareceu um macaco ali perto.

— Hei macaco, apanha água para mim! O homem mandou subir nesse pé de piqui e depois tirou a vara e eu não posso descer.

O macaco apanhou água numa folha. O rapaz bebeu e falou.

— Você não quer pular comigo para o outro pau? De lá eu desço.

— Você é pesado, a gente cai. — E o macaco foi embora.

O urubu viu fumaça para aquele lado e foi ver o que era.

— Que que você está fazendo aqui? Eu pensava que você estava morto.

— Não, estou vivo e queria descer para ir embora. O malvado do homem me mandou subir nesse pé de piqui e depois tirou a vara. Você não quer me carregar nas costas e me deixar lá em baixo?

— Eu acho que não agüento com você, mas podemos experimentar. Sobe aqui nas minhas costas.

O rapaz grudou nas costas do urubu e saíram voando. Mas era que o rapaz já estava magro.

— Eu vou matar aquele homem e você come. Esse é o meu pagamento. Você me salvou. — Disse o rapaz.

— Está bem! Estou vendo fumaça lá ao longe. Eu vou lá ver o que é e posso levar você.

— Então vamos.

O rapaz entrou no xire do urubu. O urubu chegou foi no porto de sua casa e desceu o xire no chão. A criançada do urubu estava tomando banho.

— Papai, você achou alguma coisa hoje?

— Eu andei longe, mas hoje não achei nada. Amanhã eu vou caçar outra vez para vocês.

E o urubu sentou e descansou um pouco e disse:

— Eu matei somente uma cobrinha podem ver no xire.

A criançada correu para o xire, mas não achou nada.

— Papai, aqui não tem nada!

— Acho que está aí por fora. Podem ver.

A criançada achou o rapaz.

— Esse que você caçou, papai?

— Foi esse mesmo que eu achei.

— Nós não vamos comer agora, porque está muito magro. Deixa engordar mais. Quando sarar e ficar gordo, ele vai ter que caçar para nós.

— Vocês que sabem: se querem criá-lo, podem. Podem dar couro de anta para ele comer.

Então a criançada tapou a bunda do rapaz com folha de bacaba, deram couro de anta para ele comer. Mas não parou nada, vazou tudo. Tiraram folha, agora de coqueirinho e tornaram a tapar a bunda do rapaz. Desta vez não vazou nem água.

Foram tratando o rapaz até ficar gordo. Um dia, o rapaz fez flecha e foi ver onde a anta estava comendo fruta. Voltou e contou para o urubu:

— Encontrei: a anta está comendo fruta no pé de farinha seca. Hoje de noite eu vou sondar.

Foi e matou a anta e voltou ainda de noite mesmo. O urubu se alegrou. De manhã cedo, o urubu foi com toda a criançada buscar a anta. O urubu deixou lá mesmo a banda dele, para apodrecer e depois comer com as suas crianças. A outra banda, levaram pra casa, para o rapaz comer um assado com as filhas do urubu. Este queria que o rapaz casasse com as suas duas filhas.

— Eu não posso. Se eu me casar com as suas filhas, quem vai matar aquele homem que me prendeu no pé de piqui?

— Então pode ir e matar aquele safado.

Antes de sair, o rapaz ainda pediu para o urubu:

— Você me arruma fumo?

O urubu foi lá dentro e veio com dois pedaços de fumo e disse:

— Esse aqui, é para você e para os seus parentes, é fumo bom. Esse outro, é para aquele homem que judiou de você: é veneno.

O rapaz foi embora. Chegou em casa e repartiu o fumo bom para os companheiros. O inimigo do rapaz chegou depois e perguntou para o pessoal:

— Quem arrumou fumo para vocês?

— Foi aquele rapaz que estava perdido.

O homem foi atrás do rapaz:

- De onde você vem?
- Você não precisa saber.
- Eu quero fumar também.
- Só tenho mais esse pedacinho de fumo, mas você pode ficar com ele. Toma!

O homem fumou e logo começou a tossir. Foi para fora e viu que era veneno e saiu correndo. O rapaz apanhou folha da casa e jogou no homem: virou o rabo de tamanduá-bandeira. Jogou ainda uma cabaça: virou o nariz do tamanduá-bandeira.

- Agora eu vou matar aquele tamanduá. — Disse o rapaz.

Foi cercando, cercando, foi indo, até que deu com o rasto do tamanduá. Apanhou um pedaço de pau. Achou o tamanduá-bandeira dormindo numa sombra e disse:

- Acorda para morrer!... Você sempre dizia que eu andava atrás de sua mulher, e agora larga para vir dormir aqui? Levanta para morrer.

Quando o tamanduá-bandeira ia se levantando, o rapaz baixou o pau na cabeça dele e matou. Depois chamou o urubu para comer o cadáver. O urubu deixou primeiro apodrecer.

- O urubu era dono do fumo.

A ONÇA E O TAMANDUÁ-MIRIM

A onça foi queimar o campo para depois caçar. No dia em que estava caçando, encontrou um veadinho. Matou com a flecha. Não demorou, chegou o tamanduá-mirim e perguntou:

- O que foi, cunhado?

— Eu matei um veadinho. Você não quer ir pelo meu rasto, buscar o xire que eu deixei acolá?

— Não, cunhado, — disse o tamanduá-mirim — você mesmo vai buscar e eu fico cuidando do veadinho.

A onça foi. O tamanduá pegou o veadinho, carregou e foi comer, não muito longe, no oco dum pau. A onça chegou com o xire e não viu mais nada. Gritou, gritou... E nada do tamanduá responder. Então pegou o rasto e foi dar com o tamanduá comendo o veadinho no oco do pau.

- Joga ao menos um pedacinho de carne pra mim.

O tamanduá jogou só um pedacinho de osso. A onça enjoou de esperar mais alguma coisa e acabou levando só o ossinho. Em casa, contou para a mãe:

— Matei um veadinho, mas o danado do tamanduá-mirim roubou. Está aqui, mamãe, ele me deu só um ossinho. Vamos passar para comer com beiju.

Depois que a onça comeu, foi dormir. Quando acordou no dia seguinte, disse:

— Mamãe, assa beiju para mim, eu vou atrás daquele bandido! Quando chegou no oco do pau, não viu mais ninguém. Foi de novo no rasto do tamanduá-mirim. Encontrou o tamanduá na hora que estava cavocando o buraco do tatu-liso. A onça chegou devagarzinho e gritou:

— Levanta pra morrer! Quem mandou você roubar a minha carne?

A onça apontou a flecha para o tamanduá-mirim.

— Eu? Não fui eu não. Se foi tamanduá-mirim, foi outro.

Foi você mesmo: eu vim pelo seu rasto desde aquele oco de pau, onde você comeu a minha carne. Não adianta mentir, você vai morrer.

— Não cunhado, venha aqui ver o tatu-liso neste buraco.

A onça baixou o arco e a flecha e chegou bem pertinho do tamanduá-mirim:

— Não quero ver nada de tatu-liso. Eu quero é saber se foi você mesmo. — Levantou novamente a flecha e continuou: — Agora você vai cagar para eu saber mesmo se foi você.

— Não estou com vontade de cagar agora, cunhado.

— Caga! — Disse a onça, esticando o arco e apontando a flecha.

O tamanduá cagou de medo. A onça empurrou o tamanduá pra ver a bosta.

— Viu? Agora eu sei: foi você mesmo.

Avançou no tamanduá-mirim e arrancou os olhos dele e foi embora. O tamanduá ficou ali deitado no sol quente. Mas daí a pouco, um passarinho cantou numa árvore em cima do tamanduá-mirim.

— Olha aqui, companheiro, a onça me cegou. Você tem remédio pra mim. Depois eu dou continhas para você.

O passarinho desceu e curou os olhos do tamanduá-mirim. Ainda hoje o tamanduá-mirim tem um sinalzinho nos olhos. Foi daquele remédio. O tamanduá deu as continhas para o passarinho e saiu andando. Encontrou um jacaré numa água e contou sua história.

— Vocês quer matar a onça pra mim, cunhado? Quem mandou ela judiar de mim?

— Sim. — Respondeu o jacaré. — Ela sempre vem beber aqui. Deixa comigo.

— Mas ainda vou ensinar uma coisa, pra essa onça chegar pertinho de você: quando ela for chegando na água, você chora assim: — ai, o meu dente está doendo! ai o meu dentel! . . .

Logo mais a onça ia chegando e o jacaré começou a chorar.

— O que que aconteceu, cunhado, que você está chorando?

— Meu dente, que não pára de doer. Você não tem remédio?

— Não, não tenho.

— Eu sei que você tem remédio bom: é o seu pênis.

— Eu tenho medo.

— Não precisa ter medo. Coloca com cuidado, que está doendo. Eu não vou fazer nada.

A onça pôs o pênis na boca do jacaré. O jacaré deu uma dentada, arrancou o pênis e os testículos e a onça saiu morrendo de dor.

O tamanduá-mirim chegou onde estava o jacaré e perguntou:
— Como é, deu certo?
— Chegou aqui e arranquei o pênis e os testículos e saiu nesse rumo. . .

O tamanduá-mirim achou a onça ali perto, morta, já cheia de coró. Tirou uns pedaços do couro da onça, assou e levou para os parentes dela. Chegou na casa da onça gritando que tinha muito couro para todo o mundo. As mulheres ficaram muito contentes. As mães ainda diziam para as crianças:

— O papai vai trazer ainda mais couro para nós.

Os filhos perguntaram ao tamanduá-mirim:

— Você não viu o nosso pai por aí? Faz dias saiu e não voltou até agora!

— Eu vi rasto dele perto de um pau rachado, cheio de coró.

— Então ele vai trazer coró pra nós. — Disseram os filhos.

No dia seguinte, o tamanduá-mirim se despediu. Quando se afastou um pouco gritou bem alto:

— Vocês comeram o couro do próprio marido, ouviu mulherada? Do pai de vocês também, ouviu moçada?

— Que que você está dizendo, tamanduá-mirim?

— Eu estou dizendo que vocês comeram o couro do companheiro de vocês. Ouviram agora?

Os moços pegaram arco e flechas e foram esperar o tamanduá-mirim numa curva do caminho mais na frente. Quando ia passando, os moços flecharam. O tamanduá saiu correndo e se meteu no oco da raiz de um pau. Até hoje vive lá.

OS TRÊS ÓRFÃOS

Era no tempo de muito espírito mau. Mãymyw?ú ficava perto de uma aldeia e ia comendo toda a gente que saía de casa e chegava perto dele. Era como uma casa e engolia inteiro as pessoas com as coisas que carregavam.

A irmã de Mãymyw?ú escondeu e foi criando três órfãos irmãos. O resto da aldeia foi comido pelo Mãymyw?ú. Os três órfãos não viram o pai fazer flecha e nem a mãe fazer panela. Viviam com a velha, jogando bola e brincando.

Um dia, os dois maiores brigaram com o menor e este começou a chorar. A velha falou baixinho lá dentro da casa:

— Puxaram os pais e os tios. O bicho Mãymyw?ú comeu os pais deles.

Falou isto e chorou. O irmão menor escutou e foi contar para o mais velho:

— A velha está chorando, porque vocês judiaram de mim e está dizendo que puxamos os pais e tios e disse também que foi Mämyw?ú que comeu os nossos pais. Então nós temos pai, mãe e tios.

O irmão maior foi falar com a velha:

— É verdade que nós tínhamos pai, mãe, tios e avós e o bicho Mämyw?ú comeu? Disse que a vovó falou isto e chorou.

— Não, meninos, o mais novo mentiu pra vocês. Eu estava cantando, imaginando.

— Não, vovó, você vai contar pra nós. Vovó chorou, vovó falou mesmo de verdade.

Ficaram insistindo com a velha, até que resolveu:

— Vou contar a verdade: vocês não têm mesmo pai, nem mãe, nem tios. Eu achei vocês dentro de um buraco.

— Mentira, nós temos pais. Nós achamos caco de panela que era de mamãe. Por que você está dizendo que viemos do oco do pau? Diga logo onde nossos pais estão, se não nós vamos buscar marimbondo para ferroar você (1).

— Não, não precisa, eu conto tudo... Meu irmão Mämyw?ú comeu os pais de vocês... mas não vão matar o meu irmão. Se vocês forem, vocês é que vão morrer e eu vou ficar sozinha.

— Nós vamos matar Mämyw?ú.

— Então busquem pau para o arco, tucum, pena de jacu e de mutum, porque era assim que os pais de vocês faziam.

E a velha foi ainda mostrar a jurupará no brejo. Os meninos trouxeram ainda cera de jati, para o arco. Fizeram arcos e flechas e começaram a treinar. Saíram por aí, a flechar os bichinhos pequenos e folhinhas, para pegarem pontaria. Agora perguntaram à velha:

— Onde que Mämyw?ú mora?

— Ele mora lá... É preto.

— Tá bom, vamos! — E saíram.

Muito na frente, encontraram o lobão cavocando buraco de tatu-liso e perguntaram:

— Cunhado, você não sabe onde mora Mämyw?ú?

— Ele passou aqui e foi pra lá.

Mais adiante viram a seriema e perguntaram:

— Onde foi Mämyw?ú?

— Vocês vão indo bem por aqui e já vão encontrar o bicho que matou o pai, a mãe e os tios de vocês.

Andaram mais um pouquinho e deram com Mämyw?ú e este falou:

— Nunca vi esses moços. Onde será que nasceram? Podem entrar na minha barriga e ver as flechas e as coisas que os pais de vocês tinham. Ah, onde que vocês estavam? Pensei que tinha acabado com todos.

— Você está com medo de morrer, Mämyw?ú?

— Não estou.

(1) Um informante diz que iam buscar abacaxi, fazer chicha e dar para a velha.

O mais velho pegou logo na flecha, mas o mais novo segurou na ponta dela, dizendo que dentro da casa era melhor. Os três atacaram o bicho: avançaram e entraram, mas pela bunda dele, a começar pelo mais velho. Viram muito osso, arco, machado e as coisas que os pais usavam. O xire ainda estava inteiro.

O mais novo ficou embaixo, o do meio subiu e o mais velho subiu mais, até chegar no coração do bicho. Cortou o coração com a jurupará e deu para o do meio e este deu para o de baixo. Assim também foi o fígado.

Os três saíram para fora e flecharam o bicho. Mämyw?ú falou:

— Fui eu mesmo que comi o pai, a mãe e os tios de vocês. Eu já estou morrendo, mas vou esparramar as coisas da minha casa, para fazerem mal para vocês. Agora vão ter espinhos e tocos para machucar vocês a vida inteira.

Mämyw?ú caiu e nasceu o campo de um lado e o mato do outro. Antes só havia chapadão.

Levaram o coração e o fígado para a casa. Já era meio escuro, quando chegaram e contaram para a velha.

— Não acredito, ele era muito valente. — Disse a velha.

— Pois olhe aqui o coração e o fígado dele.

A velha olhou e chorou. Enterraram o coração e o fígado. Agora os órfãos falaram:

— Onde está Xenkanuli, aquele que joga pedra na gente.

— Esse é mais perigoso. Vocês vão morrer na certa. Esse é que matou os meus pais.

— Pois ele vai morrer.

Xenkanuli tinha em casa três pedras enfileiradas, mas só a primeira acertava. Os três foram e mudaram a posição das pedras. Pegaram também os paus de fazer fogo e passaram urucum neles e ficaram esperando.

Xenkanuli chegou. Tinha rabo de tamanduá arrastando como folha. Pegou os pauzinhos de fazer fogo e esfregava dizendo:

— Tinc... tinc... tinc...

O mais novo começou a rir. Xenkanuli pegou a pedra que estava mais perto e foi jogando e falando:

— Kyalakusu!...

Tentou de novo fazer fogo. Como não conseguisse, entrou assim mesmo sem fogo dentro da casa.

Quando acabou de escurecer, os três entraram na casa e mataram a mulher do bicho. Foi fácil. Mas lutaram, lutaram e não conseguiram matar Xenkanuli. Cortavam a carne, mas o pedaço que caía juntava de novo no corpo. Derramavam sangue, mas o sangue corria de novo para dentro do corpo. Cansaram e foram embora correndo.

Jogaram uma flecha no céu. Mais uma, que emendou na primeira; mais uma que emendou na segunda. E foram jogando e emendando as flechas, até que a última ficou ao alcance da mão. O mais velho falou para o mais novo:

— Sobe!

— Não, eu caio e morro. Vocês podem subir, que eu fico por aqui mesmo.

O mais novo virou lagartixa e entrou no buraco. O mais velho fechou o buraco, para Xenkanuli não matar o irmão. Os dois foram subindo para o céu. Quando passavam uma flecha, tiravam.

Xenkanuli saiu atrás dos moços. Quando terminou a pegada deles, começou a jogar flechas no céu e elas foram emendando, do mesmo jeito que as dos moços. Xenkanuli subiu atrás deles. Quando ia chegando perto deles, uma velha fez Xenkanuli ficar duro ali mesmo.

O CONVITE DE YÁKOHLO

Um homem e Yákohlo foram caçar e se encontraram no mato. Yákohlo perguntou:

— Onde você vai?

— Vou por aí...

— Você quer comer carne, beijar, beber chicha? Vai lá em casa, que eu tenho.

— Tá bom, amanhã cedo eu vou lá.

Cada um voltou para sua casa. No outro dia, o homem foi à casa de Yákohlo com um xire cheio de massa de piqui. Não muito longe, encontrou o macaco. Esse perguntou:

— Onde você vai?

— Na casa de Yákohlo comer carne e beber chicha. Ele me convidou.

— Você tem massa de piqui?

— Tenho.

— Então me dá que eu vou junto.

Mais na frente, encontrou o macaco-pequeno. Deu também massa de piqui e este acompanhou.

A mesma coisa foi com o lobinho, o lobo, a raposa. A massa de piqui já era pouca, quando encontrou o zorrilho. Assim mesmo o zorrilho foi junto. O zorrilho contou:

— Yákohlo é perigoso. Ele convidou você, para poder matar.

Quando foram chegando, os animais ficaram para trás e o homem entrou na casa sozinho. Tinha muita carne e chicha. Ofereceram, mas não comeu nada.

Yákohlo mandou tomar banho com duas moças. No banho, uma moça convidou o homem para fazer porcaria.

— Não, não quero, nunca fiz isto. — Mentiu para ela.

Em casa Yákohlo perguntou:

— Como é, você fez porcaria?

— Não, elas não são minhas mulheres.

Yákohlo mudou então de assunto e disse que ia contar histórias. Mas o homem disse:

— Eu conto primeiro. — E contou como matou anta, caititu, porco-do-mato e tudo quanto era bicho.

Yákohlo foi pegando no sono e dormiu. Os animais, que tinham ficado afastados, iam chegando, um por um, e roubavam a carne e a chicha de Yákohlo. O homem pegou o pilão e a mão-de-pilão e pôs dentro da rede, de modo que a mão-de-pilão parecia braço de gente. Ainda ajeitou uns colares. Saiu e foi embora.

Um dos companheiros de Yákohlo achou que o homem estava dormindo e foi avisar Yákohlo. Yákohlo acordou contente e foi chamar o homem. O homem não respondeu. Então Yákohlo chamou os companheiros, dizendo que o homem estava dormindo.

Cercaram alegres. Desamarraram a rede com cuidado e jogaram dentro da panela grande. A panela quebrou. Todo o mundo ficou zangado com Yákohlo, porque não cuidou e dormiu. Yákohlo ficou triste, porque não comeu o homem.

O homem chegou em casa e contou. O irmão dele mais moço disse que ia matar Yákohlo:

— Yákohlo não é assim perigoso. Eu vou lá.

— Então leva piqui.

— Não precisa de piqui.

Mas o irmão do homem levou ainda um pouco de massa de piqui e foi indo e encontrando os bichos. Pediam massa e ele não dava. Ninguém ia com ele. Por fim encontrou o zorrilho e este falou:

— Não vai lá, Yákohlo é perigoso mesmo.

— Eu vou assim mesmo.

— Você tem massa de piqui?

— Só tenho pouca e não dá pra nós dois.

— Seu irmão deu massa e fomos com ele e por isso ele não morreu. Você não dá piqui pra nós, então você vai morrer.

O homem chegou na casa de Yákohlo. Todo o mundo ficou alegre. Assaram carne, fizeram beiju e chicha de mandioca e de milho. A velha Yákohlo disse:

— Vai tomar banho com essas duas moças.

Lá elas convidaram e ele fez porcaria. Depois em casa, foram comendo e dançando, até que deu sono no homem e ele dormiu. Pararam de dançar, para não fazer mais barulho. Botaram água no fogo pra ferver. Desataram devagarzinho a rede do homem e jogaram na água fervendo homem e rede e tudo e seguraram ainda com uma forquilha. Ficaram todos contentes e começaram a dançar de novo. A mulher de Yákohlo ficou cuidando do caldeirão.

Quando estava mole, a mulher chamou Yákohlo para tirar o homem do caldeirão. Puseram uma esteira de buriti no chão e o morto em cima. No fim comeram as tripas. Nessa hora, a alma do morto foi avisar o irmão. Depois de tudo acabado, todo o mundo entrou num grande buracão.

O homem, quando recebeu o aviso da alma do irmão falecido, resolveu matar Yákohlo.

Preparou bastante massa de piqui, como na primeira vez. Foi encontrando os mesmos bichos e convidando. Todos acompanharam e ainda explicaram que não foram com o irmão mais novo, porque não tinha massa de piqui.

Na casa de Yákohlo, viram o cágado chupando o tutano de um osso e não tinha mais ninguém.

— Por que você está comendo o osso do meu irmão?

— Eu não comi a carne. Estou comendo só o osso.

O cágado tinha os dedos como de gente. O homem cortou os dedos do cágado e por isso hoje ele tem os dedos curtos.

Encontraram a boca do buracão e ninguém entrou. O homem fez fumaça com veneno e abanou pra dentro do buraco e falou para o cágado:

— Entra aqui dentro, pra ver se todo o mundo morreu.

O cágado entrou e saiu contando que a fumaça foi só de um lado. O homem tocou mais fumaça. O cágado entrou de novo e voltou dizendo que a fumaça ainda não fora até o fundo. O homem abanou mais fumaça: morreu tudo.

O zorrilho falou:

— Vamos abrir o buraco, porque pode ser mentira do cágado. Mas era verdade.

— Agora vamos matar esse cágado. — Disse o homem.

— Não, não me mate!

— Vou matar, porque você comeu osso do meu irmão.

— Mas eu não comi, só chupei.

— Tá bom, então pode ir embora.

O cágado ficou alegre, entrou no mato e virou jaboti.

O homem chegou em casa e contou para a mulher:

— Eu matei Yákohlo e toda a turma dele.

A MORTE DE WANALI

Um homem foi pescar matrinxã. No rio viu um menino e uma Neykyú (menina) saírem da água. Quis pegar, mas entraram e afundaram novamente. Os dois tinham cabelo louro e eram muito bonitos. O homem voltou para a casa e contou para a mulher.

— Você precisa pegar essas crianças e eu crio.

— Então vou pegar. — Respondeu o homem.

Apanhou um cipó, pôs uma armadilha no rio, para pegar as crianças e voltou para a casa. Foi olhar de novo e viu, de longe, que as crianças estavam brincando fora da água. O homem foi chegando devagarzinho. Quando as crianças viram o homem, correram de volta

para a água. Neykyú ficou presa pelos cabelos na armadilha. O homem levou Neykyú para casa e deu para a sua mulher criar. A mulher, quando viu Neykyú, disse:

— Mas como é bonita!

— Só peguei a menina, mas um dia eu pego o menino.

Outro dia, o homem foi pegar o menino. Esse estava brincando fora da água. Quando o homem foi se aproximando, o menino correu e tornou a afundar. O homem ainda pescou matrinxã. Em casa, a mulher perguntou:

— E o menino?

— É muito arisco. Foi só me ver, caiu na água. Deixa que um dia eu pego.

O homem colocou a matrinxã no fogo, dizendo para a mulher que ia comer só no dia seguinte. Cedinho só encontraram o caldo da matrinxã.

— Você comeu a carne? — Perguntou a mulher.

— Não, respondeu o homem — eu não comi nada.

— Mas como é que está só o caldo? Então, quem comeu?

Beberam o caldo. O homem foi esperar o menino. Voltou e disse:

— Hoje nem saiu fora da água. Trouxe só matrinxã.

Falou para a mulher cozinhar a matrinxã, para comer no dia seguinte.

No outro dia cedinho, só caldo de novo.

— E hoje, quem comeu a carne? — Perguntou a mulher.

E assim passaram dias. A mulher e Neykyú estavam ficando cada vez mais magras.

Uma noite, o homem ficou sondando, para ver quem comia a carne. Escutou barulho. Levantou-se devagarzinho e viu que o Wanali estava roubando a matrinxã: bicho de boca na mão, além da boca na cara. Metia a mão pela palha da casa e comia a matrinxã. Contou para a mulher. Ela não acreditou.

— Você vai ver. — Disse o homem.

Pescou matrinxã mais uma vez e deixou cozinhando. Pegou folha de paineira e pôs em cima da casa e a coruja por cima da folha, para avisar a chegada do Wanali. Apanhou ainda o machado bem afiado e foi ficar pertinho da panela da matrinxã, bem quieto.

De noite, a coruja deu sinal. O homem levantou o machado. O Wanali meteu a mão pela palha para pegar o matrinxã. O homem desceu o machado e cortou a mão do bicho. Essa caiu dentro da panela. O homem pegou a mão cortada e deixou em cima do abano. Quando amanheceu, disse para a mulher:

— Não falei? Era o Wanali mesmo. Olhe aqui.

— Mas como é feia! — Disse a mulher.

O homem mostrou a mão do Wanali para toda o mundo e contou a história. A irara logo disse:

— Eu vou procurar a casa dele. Depois vamos matar esse bicho. Levou só angu de mel. Ficou com fome e sede e voltou sem

encontrar a casa. Mas disse que era longe, muito longe. O lobinho disse para a irara:

— Você ficou logo com fome e não chegou até lá, porque levou só mel. Agora você vai ver que eu chego.

O lobinho agora levou beiju e foi seguindo o sangue do Wanali. Andou um dia e dormiu. Quando acordou, comeu beiju e andou mais um dia. Foi andando e comendo beiju de manhã. Foi assim a semana inteira. Encontrou a casa do Wanali ao escurecer.

— Lobinho não tem medo!...

Escutou o bicho gritar: — ai, ai, ai meu braço, está doendo muito!...

E a mulher ralhou com o bicho:

— Não fala assim! Fala: meu dente está doente!

— Meu dente... ai, ai! — Continuou o Wanali.

O lobinho voltou pra casa, pra contar. Agora só tinha um beiju para a volta. Dois dias antes de chegar em casa, já não tinha mais nada. Coitadinho, teve que comer aranha! Chegando na aldeia, foi logo dizendo:

— Encontrei a casa do Wanali. É muito longe mesmo: andei duas semanas. Até emagreci! — E mostrou a bunda murcha.

— Vamos matar o Wanali! — Falaram o papagaio, o tucano, o mutum, a ariranha e mais um passarinho vermelho.

— Mas levem muita mandioca, que é muito longe mesmo! — Lembrou o lobinho.

Levaram também uma semana andando. Quando chegaram, sentaram todos num pau. O pau quebrou e caíram no chão. De noite, todos juntos entraram na casa do Wanali, na hora em que estava dormindo e mataram. Cortaram a barriga e tiraram a tripa, o fígado e o coração.

O papagaio se pintou com o sangue do Wanali e com o machado pequeno do bicho, fez o seu bico. Com o machado, a arara fez o seu bico. O pássaro vermelho passou o sangue do bicho em todo o corpo. O tucano se pintou também com o sangue. O mutum só pintou o nariz e jogou o polvilho do Wanali no rabo. Levaram ainda tudo o que o Wanali tinha.

A MULHER DO BEIJA-FLOR

Os homens de uma aldeia queriam a flauta yetá. Fizeram primeiro a casa da yetá e depois saíram a procurar a flauta. Cavocaram o chão e espiaram nos ocos dos paus. Não acharam.

O sabiá resolveu levar a yetá para os homens. Um dia chegou na aldeia dos homens tocando a yetá. O toque era tão bonito que eles choraram de alegria. Os homens saíram fora para ver e o sabiá correu.

Os homens voltaram para dentro de casa e o sabiá veio tocando de novo. Os homens saíram novamente e o sabiá correu outra vez. Então resolveram seguir o sabiá. Mais na frente, o sabiá estava tocando parado e perguntou:

— Quem é o chefe de vocês?

— Eu. — Disse um dos homens.

— Eu ouvi falar que vocês estavam procurando uma yetá. Aqui tem uma.

O sabiá entregou a yetá ao chefe. E antes de sair dali, ensinou a tocar e disse que as mulheres não podiam ver a yetá. E se despediu:

— Agora eu vou embora, mas daqui a uma lua, eu vou voltar, trazendo mais flautas. Cada um de vocês vai ganhar uma.

No tempo marcado, chegou na aldeia com toda a sua turma e viu muita chicha preparada no terreiro. O chefe deu para beber à vontade. O sabiá ficou uma lua na aldeia.

O beija-flor, da turma do sabiá, gostou de uma mulher. Na hora da saída, o beija-flor combinou com a mulher que, no caminho dele, ia deixar um cocar.

Mas a coruja chegou primeiro que a mulher e levou o cocar para a entrada da sua estrada. A mulher, com sua mãe, uma irmã e mais uma criança chegaram foi na casa da coruja.

A coruja tratou a mulher e companheiras só com barata e grilo. Um dia convidou a mulher e suas companheiras para irem arrancar mandioca. Na roça, a mulher falou:

— Isto é mato, não é mandioca.

A coruja escutou e perguntou:

— Que que vocês estão falando?

— Nós estamos dizendo que a mandioca é grande.

— É mandioca do chefe. — Acrescentou a coruja.

As mulheres deixaram a coruja e foram andando. Chegaram na casa do jacaré:

— Estamos procurando a casa do beija-flor.

— Não vão lá. É um lugar muito feio. Fiquem aqui: os meus filhos são mais bonitos do que os do beija-flor.

O jacaré tratava as mulheres com peixe. Um dia vomitou uns peixinhos para as mulheres. Estas vomitaram de nojo e foram embora, ainda atrás da casa do beija-flor.

Viram um buritizeiro carregado de frutas.

— Vocês duas fiquem aí com a criança, que eu vou tirar buriti.

— Disse a mulher.

Quando estava tirando fruta, encontrou o cágado e este disse:

— Vamos lá em casa. Minha mãe já está velha, nem pode carregar água. Você podia ajudar.

A criança chorou, enjoada de esperar. O cágado foi com a mulher até onde estavam a mãe, a irmã e a criança. De lá, seguiram todos para a casa do cágado. Perto da casa, o cágado disse:

— Vocês fiquem aqui que eu vou na frente avisar a minha mãe e volto já.

Na casa, começou a brincar com a mãe, dizendo:

— Mamãe, eu deixei uma sumaneira lá no caminho para lenha. Vai lá espiar.

— Mentira, — disse a mãe — você está é brincando.

— Não, mamãe, pode ir.

Entretanto, a criança chorou de novo enjoada e as mulheres foram embora. O cágado continuava dizendo: — vai, mamãe, buscar a sumaneira... — A mãe ficou zangada e quis até cortar o cágado pelo meio.

— Não, mamãe, vamos lá ver.

Quando chegaram lá, não tinha mais ninguém.

— Eu vou atrás delas, mamãe.

Mas andava muito devagar e não encontrou as mulheres. Estas, já bem longe, ouviram bater machado. Foram ver. Era o tatu-bola tirando mel jati. Tinha vindo da casa do beija-flor.

— Estou com muita dor de cabeça, mas assim mesmo vim tirar mel.

— Espreme os filhotes do jati no olho e você fica bom. — Disse a mulher.

— Então espreme aqui para mim.

A mulher foi e espremeu filhotes de jati no olho do tatu-bola. Esse começou a rodear e caiu no chão, rolando de dor. As mulheres apanharam o mel e foram embora.

Chegaram num rio, onde uns homens estavam tomando banho e fazendo yetá. Xinonpùh chegou perto e cortou as mulheres e também a criança com machado. Depois Xinonpùh foi à casa do beija-flor e disse:

— Você convidou as mulheres para virem aqui. Devia ter ido esperar no caminho e não deixar que elas chegassem ao porto, na hora dos homens tomar banho.

O beija-flor correu para ver se era verdade. Viu que era mesmo e enterrou as mulheres e a criança.

O MORCEGO E A CUNHADA

Uma noite choveu muito.

— Amanhã vai sair muito carregador para cortar folha e palha no campo. — Pensou o morcego.

De manhã, o morcego saiu para ver. Em casa contou que tinha muito carregador.

— Eu vou apanhar para a minha família. — Disse o morcego.

— Leva também a sua filha moça para ajudar. — Disse a cunhada.

— Não. Tem muita abelha, que entra no olho e ela vai chorar.

— Então, leva as outras crianças suas.

— Também não levo.

— Mas você pode levar os seus filhos moços.
— Também não quero.
— Eu vou com você buscar carregador. — Disse a cunhada.
Era isso que o morcego queria. Saiu com a cunhada. Lá longe, o morcego mostrou os carregadores.
— Hoje nós vamos apanhar muito. — Disse alegre a cunhada.
— Pode cavocar e apanhar. Eu vou fazer uma casa.
A cunhada acendeu um fogo e começou a assar os carregadores. Logo mais o morcego chamou a cunhada:
— A casa está pronta, entra aqui.
— Não, não quero entrar, porque se não os carregadores vão embora e eu não pego mais.
O morcego, na porta, disse de novo:
— A casa está pronta. Está muito bonita.
A cunhada estava com vergonha, por isso não entrava. Mas ainda foi até à porta e olhou para dentro. O morcego pegou a cunhada pelo cabelo e puxou para dentro. Ela gritou:
— Ai, ai, me solta, se não não posso mais pegar carregador! Nós precisamos apanhar e ir embora. Não mexe comigo!
O morcego então falou claro:
— Vamos fazer besteira.
— Não quero. Os outros vão saber e vão brigar comigo. Eu estou com vergonha.
— Vamos!...
— Não quero... — E a cunhada chorou de tristeza.
O morcego fez o que queria até enjoar. No fim, a cunhada tirou um pedaço da vagina e pregou no nariz do morcego. O morcego gritou:
— Não faça isso!
Mas o pedaço da vagina não saiu e o morcego foi embora assim mesmo. A cunhada virou sapo. O morcego trepou num pau e comeu carregador.
O morcego chegou em casa e falou para os moços:
— Podem ir buscar carregador. Tem muito. Precisa levar xire.
O morcego não dormiu nada: passou toda a noite dançando e cantando: — tikinuntã... bayakywni... — Cantou até de madrugada. Foi quando dormiu um pouquinho. Quando amanheceu, a mulher chamou:
— Vem aqui fora, para eu catar piolho.
— Não, eu vou dormir mais: estou com muito sono. Além disso, os carregadores me morderam muito e está doendo.
A mulher chamou de novo, já meio zangada:
— Venha, eu quero catar piolho...
O morcego não saiu. Então a mulher foi dentro da casa e falou mais zangada: — Vamos! — E pegou o cabelo do marido e puxou.
— Não puxa, o carregador mordeu aqui e está doendo muito.
A mulher puxou o morcego para fora, pelo cabelo. O morcego ficou sentado na frente da mulher e disse:

— Cata só atrás, na frente, não.

A filha do morcego chegou para catar piolho também no pai. O pai parou quieto. Logo a mulher e a filha viram o pedaço de vagina no nariz do morcego.

— Que foi isso? — Perguntou a mulher. E a filha repetiu a pergunta: — quem colocou isso no seu nariz?

O morcego continuou quieto. A mulher e a filha perguntaram ainda ao mesmo tempo:

— Que é isto?

O morcego derrubou a mulher e a filha no chão e foi se deparar na linha da casa e aí ficou balançando. A mulher disse:

— Vamos matar esse morcego! — E pegou uma vara.

O morcego, quando viu a vara, voou e foi para o mato e entrou dentro de um oco de pau grande. A mulher então ficou com a filha em casa. Depois falaram:

— Vamos espiar a cunhada dele.

Encontraram a casa que o morcego fez. Olharam pela palha e chamaram:

— Venha aqui.

A cunhada respondeu lá dentro:

— O morcego abusou de mim e virei sapo.

A mulher e a filha do morcego entraram e viram. O sapo não conversou mais nada: só virava e sentava no canto.

A FLECHA QUE CAÇAVA SOZINHA

Um homem estava trabalhando na roça. Ouviu choro de criança dentro do mato. Foi ver. Eram duas crianças de cobra boipeba-domato. O homem quebrou um pau para matar as cobrinhas. Quando suspendeu o pau, as crianças disseram:

— Não mata. Papai foi caçar, estamos perdidas. Você nos leva em nossa casa?

O homem levou as cobrinhas para a casa delas e ficou lá esperando os pais. Logo mais chegou o pai das cobrinhas:

— O que aparecer aqui, é para matar logo. — Disse o pai.

— Não, papai, não podíamos matar esse titio, porque ele nos trouxe de lá do mato aqui para a casa.

— Então vamos lá ver o lugar onde ele encontrou vocês.

No lugar, tudo já parecia velho. Até o cupim já tinha comido a varinha com que o homem queria matar as cobrinhas. Mesmo assim, o pai das crianças acreditou e agradeceu o homem.

Chegou também da caçada a mãe das cobrinhas. Foi logo dizendo, ia falando e cuspidando:

— Por que vocês não mataram esse bicho?

— Não fala assim, mulher. A criança estava perdida no mato e esse homem trouxe aqui.

— Então vamos ver o lugar onde as crianças estavam.

Os pauzinhos ali perto estavam todos podres e comidos pelo cupim. Ela acreditou também e agradeceu o homem. Esse ainda passou uma noite com as cobras.

No dia seguinte, antes de viajar, o homem falou para o pai das crianças:

— Cunhado, você podia me dar essas flechas velhas que estão por aqui?

— Olha, essas flechas são muito perigosas. Elas caçam sozinhas. Eu vou dar uma para você, mas só você pode caçar com ela. Faz assim: quando sair para caçar e encontrar alguma caça, essa flecha vai sair sozinha atrás do animal até matar. Então você amarra o feixe das outras flechas e deixa atrás de um pau. Quando essa flecha voltar, ela vai bater com força no feixe de flechas. Nessa hora você amarra. Se não fizer assim, ela mata você.*

O homem levou a flecha. Chegou em casa e foi caçar. Achou rasto de caititu e seguiu. Quando escutou barulho de caititu, a flecha saiu sozinha. O homem amarrou as outras flechas num pau e ficou esperando. A flecha matou os caititus, voltou, bateu nas outras flechas. O homem amarrou e foi juntar os caititus. Levou só alguns para a casa. Outros homens foram buscar os caititus que ficaram.

No outro dia, o homem foi à roça e deixou a flecha dependurada em casa. Chegou o cunhado do homem e perguntou:

— Minha irmã, onde está o meu cunhado?

— Foi na roça.

— Eu queria caçar com a flecha dele porque disse que mata as caças sozinhas.

— Ele não deixa levar essa flecha, porque é muito perigosa.

— Mas que tem? Seu marido sempre caça com ela e não acontece nada com ele. Se tivesse perigo ele já tinha morrido.

Subiu, apanhou a flecha e foi caçar. A irmã olhou temerosa:

— Você vai morrer lá no mato.

Assim mesmo foi. Chegou o homem da roça. Sua mulher disse:

— Meu irmão chegou aqui e levou a flecha que você ganhou da cobra. Eu disse para ele não levar, porque era perigosa, mas ele foi assim mesmo.

— Por que você deixou? Ele vai morrer.

— Bem que eu disse para ele.

Lá no mato, o cunhado encontrou rasto de caititu, seguiu e quando ouviu o barulho dos caititus, a flecha disparou na mesma hora. O homem se admirou:

— Como que esta flecha vai sozinha!

O homem não sabia e ficou com o arco na mão. A flecha matou os caititus, voltou, bateu no arco e nas outras flechas. O homem não amarrou. A flecha fincou bem no coração do homem e foi para a casa das cobras. Escureceu e o caçador não voltou.

— Esse cunhado morreu. Vamos buscar e enterrar em casa.
Foi todo o mundo pelo rasto do caçador. Encontraram rasto dos caititus e depois o homem morto.

— Gente teimosa é assim mesmo, morre porque quer. Bem que minha mulher tinha falado que essa flecha era perigosa! — Disse o homem.

Alguns homens carregaram o morto. Era pesado. Os outros ficaram juntando os caititus. Em casa assaram e comeram os caititus.

O homem foi à casa das cobras. No lugar, encontrou uma grande lagoa cheia de pés de espinho. Nunca mais voltou lá.

A ONÇA VIROU MOÇA

Um homem e sua família, enjoados de beber só chicha de mandioca, um dia foram tirar mel. Já muito longe encontraram uma casa. O homem gritou:

— Quem mora aqui? Eu estou caçando mel.

— Pode entrar, amigo. Não tem perigo.

O homem entrou com a família. O da casa estava deitado numa rede e disse:

— Desculpe que eu estou deitado: foi um espinho que entrou no meu pé, quando eu corria atrás de uma anta.

— Sente e deixe ver. Posso arrancar?

— Pode.

O homem arrancou o espinho e o dono da casa ficou muito contente, porque agora não ia doer mais. Logo mais chegou a mulher dona da casa, que tinha ido caçar. Foi logo reclamando:

— Por que você recebeu esse pessoal aqui, assim fedendo a urucu? — Disse para o marido.

— Não diga isso, mulher: esse homem já arrancou o espinho do meu pé, que está parando de doer.

— Está bem. Aqui tem carne de veado para vocês. — Disse a mulher.

No dia seguinte, o dono da casa mandou a sua filha ir caçar com os visitantes. Ela conhecia os lugares onde tinha cama de veado, paca, cotia. Quando se afastaram bastante, a moça disse:

— É por aqui que mamãe e papai sempre encontram caça. Vamos devagar. Olha lá um veado, pode flechar.

O homem errou e o veado correu. Mais na frente, a moça mostrou uma cotia: o homem errou de novo.

— Vamos sentar um pouco. Você deve ter alguma coisa no braço, que faz errar. Deixa ver! — Disse a moça.

Chupou o braço do homem e tirou um pedaço de perna de carregador. Chupou outra vez. Não tirou mais nada: — era isto que não deixava você acertar. Vamos caçar de novo.

Correu uma paca. A moça passou na frente andando bem devagarzinho: — pode flechar, ela está parada bem ali.

O homem flechou e matou.

Não demorou, a moça mostrou uma cotia deitada. Agora o homem errou.

— Vamos sentar de novo pra ver outra vez o seu braço.

Chupou, chupou... Achou a cabeça do carregador.

Seguiram caçando. A moça mostrou mais um veado para o homem. Flechou e matou ainda uma cotia e uma paca. Já tinham muita carne. Voltaram para a casa. A moça contou a história para seus pais. Acharam muita graça.

— Agora eu vou sempre acertar. — Disse o homem.

No dia seguinte, a moça convidou para caçar de novo.

— Será que a gente encontra caça como ontem?

— Sim aqueles bichos sempre vêm naquelas camas. Não têm cama em outro lugar.

O homem não perdeu uma flechada. Voltaram todos contentes.

No outro dia, a família arrumou tudo para ir embora. A moça começou a chorar, querendo acompanhar. Então o pai da moça disse:

— Amigo, volta aqui um pouquinho. Olha aqui: a minha filha quer ir com você. Você pode levar a minha filha?

— Pois não, acho até bom que ela venha.

— Mas, quando minha filha chegar lá, fala para a sua mulher não cortar o cabelo dela, na frente. Se cortar, minha filha vira onça.

Na casa, o homem avisou à sua mulher. Mas um dia, a mulher foi tomar banho com a moça e cortou o cabelo da mocinha e ela ficou muito bonita. A mocinha falou para a mulher:

— Fica aqui que eu vou ali cagar e já volto.

Logo que saiu, andou com pé de gente, depois com pé de onça, virou onça e sumiu.

O homem ficou com medo. Por isso, não foi atrás.

A MOÇA E A ANTA

Um homem derrubou fruta de buriti e deixou lá no mato mesmo. Um menino e duas mocinhas foram no outro dia buscar a fruta. Quando chegaram lá, a anta havia comido. Então começaram a xingar a anta. A anta escutou, veio e carregou uma das mocinhas no pescoço. Caiu na água com ela.

A moça sentiu frio. Pediu para a anta sair fora da água e acender fogo para esquentar. Mas a anta passava o dia e a noite com a moça dentro da água. Foi assim durante três luas.

Um dia, a anta saiu da água e acendeu fogo. Mas só esperou um pouquinho e logo disse para a moça:

— Vamos embora, porque já não está mais frio.

— Espera, eu ainda estou com frio.

A anta não esperou e caiu com ela no rio. Mais na frente, enxer-garam caju do mato.

— Vamos tirar caju para comer: eu estou com fome. — Disse a moça.

— Está bem, vamos comer caju.

— Os cajus aqui do chão têm muito coró. Sobe, para derrubar bons para nós. — Disse a moça.

A anta subiu e começou a derrubar caju.

— Sobe mais: esses ainda têm coró, não dá de comer.

Quando a anta subiu mais, a moça aproveitou e fugiu correndo. A anta foi derrubando mais.

— Ainda tem coró, mulher? — Perguntou três vezes.

E nada de resposta.

— Minha mulher fugiu! — Pensou a anta e desceu depressa do pé de caju e saiu correndo atrás da moça.

A moça subiu num pau e urinou para apagar o rasto. A anta chegou debaixo daquele pau e disse: — Choveu e acabou o rasto...

A anta voltou. A mulher foi andando despreocupada. Mas antes de chegar em casa doeu a barriga e ela parou: nasceu uma antinha. Quando andava perto daquele lugar, tinha rasto de gente. Quando ia mais longe, o rasto ficava de anta.

O seu irmão a encontrou naquele lugar: — Nós pensávamos que você já tinha morrido, como que escapou da anta?

— Eu mandei a anta subir bem alto num pé de caju e nessa hora eu escapei. Eu parei aqui, porque estou com vergonha. Vai lá em casa e diz para a mamãe vir me buscar aqui.

O irmão foi correndo e contou:

— Mamãe, nossa irmã voltou e está lá no mato chamando você.

— Deixe de história, menino, ela já morreu. Depois de tanto tempo!

— É verdade, mamãe, ela está chamando você.

— Então vamos.

A mãe, quando viu a filha, chorou.

— Eu escapei, mamãe. — Disse a filha, chorando também. E se abraçaram.

— Faz tempo que eu esperava você aqui, mamãe.

A mãe levou a filha para a casa. Três dias depois, os irmãos da moça foram ao local onde a anta tinha roubado a irmã, para ver se a anta estava esperando sua irmã de novo. Andaram por perto da roça. Encontraram rasto de anta. Foram andando, andando e deram com uma antinha. Mataram e comeram. Voltaram e contaram. A irmã reclamou:

— Eu não tinha dito? Vocês comeram o meu filho...

Dias depois chegou a anta, pai da criança, trazendo fruta de buriti assada para a sogra. A sogra experimentou, mas mandou logo o filho jogar fora, porque estava assada e seca. A anta não sabia

que não se assa fruta de buriti, mas cozinha. Mas tinha levado também fruta de buriti bem madura, para a sua mulher. Esta fruta estava gostosa.

O cunhado mais novo da anta falou baixinho:

— Acabei de arrumar a minha flecha hoje. Já matei o seu filho e comi. . .

A anta escutou, quebrou a porta da casa e saiu correndo e desapareceu. O irmão mais velho disse:

— Você não devia ter falado isso, nós íamos matar essa anta! — E ainda pegou a flecha e foi atrás. Mas não encontrou mais.

A MULHER DESCONFIADA

Uma moça foi pegar formiga-carregador. Chegou num buraco e meteu uma vara. Um grudou e ela puxou para fora. O carregador era gente.

— Você já é casada? — Perguntou o carregador.

— Não casei ainda, mas estou procurando um homem.

— Você não quer casar comigo?

Levou o carregador para a casa, armou a rede perto dele. Estavam casados.

Ao meio-dia içá voou. O urubuzinho, a sariema, o tucano, a saracura, o jacamim, e yavya?uli pegaram içá e levaram para a mãe da moça. A sariema se queixou que a mãe da moça deu a filha em casamento para outro e não para ela. A velha contou só para o genro:

— A sariema veio em casa trazer içá para mim e se queixou que eu dei minha filha em casamento para você e não para ela.

O genro zangou. De tarde foi apanhar carregador pra comer. A mulher dele queria acompanhar. Falou para a mulher:

— Então leva a cuia.

Na roça, o marido falou:

— Bem que eu perguntei: você tinha marido e disse pra mim que não. Agora apareceu a conversinha de sua mãe.

O marido pôs uns carregadores na cuia para a mulher levar para a sogra. Ela chegou lá e disse:

— Mamãe, aqui tem uns carregadores.

— Deixa aí, depois vou torrar.

De noite foi torrar. Os carregadores foram aumentando. Deu sono, a velha dormiu e os carregadores queimaram. O homem disse para a mulher:

— Vai ajudar sua mãe: os carregadores estão queimando.

A mulher foi e disse para a mãe:

— Os carregadores estão queimando, mamãe.

— Eu estou com muito sono.

— Esse que já queimou, a gente joga fora.

No outro dia, o marido levou os carregadores queimados, para a beira da roça e lá soprou. Os içás ficaram vivos e voaram. Voltou e disse:

— Vou passear.

— Eu também vou. — Disse a mulher.

Na beira da roça, o homem escutou os içás dançando e bebendo chicha lá em cima no céu e disse:

— Você volta pra casa que eu vou dançar com eles.

— Você me leva também.

— Então dorme!

A mulher dormiu e ele a levou lá em cima. Lá em cima quem se apresentou primeiro, foi a alma do irmão da mulher. O homem e a mulher beberam chicha e ainda ganharam para trazer. A mulher dormiu de novo e o marido a trouxe de volta. Chegando em casa, só os dois beberam aquela chicha. O cunhado ficou espiando. De tarde, o homem falou:

— Vou tomar banho.

— Eu vou também. — Disse a mulher.

— Não, mulher, fica em casa.

Mas ela foi. Nisso o cunhado destampou aquela cabacinha da chicha. Mas só viu carregador dentro. Os carregadores saíram e comeram a tampa da cabaça.

Os dois chegaram do banho. A mulher viu primeiro os carregadores andando e falou para o irmão:

— Você foi mexer. Não pode ver nada.

O marido disse:

— Não falei pra você ficar aqui? Agora eu vou caçar na roça.

— Eu também vou.

— Não, você fica aqui para cuidar das coisas.

Assim mesmo ela foi. O homem encontrou um buraco grande. Ficou na boca daquele buraco e flechou. A mulher apanhou a flecha e deu para o homem de novo. O homem foi flechando cada vez mais longe e cada vez entrava mais no buraco.

A mulher tirou a corda do arco e amarrou na barriga do homem e puxou até quase rebentar a corda. Por isto, o içá tem a cintura fina.

— Não precisa puxar, eu mesmo vou sair. — Falou o homem.

A mulher soltou. O homem afundou com corda e tudo e virou carregador.

ORIGEM DA ROÇA E DA YETÁ

Um chefe foi caçar. Lá mais na frente, fez uma queimada para acampamento e ficou aí caçando. Quando chegou da caçada, o filho quis saber o que o pai matou. O pai não respondeu. Só assobiou.

Noutro dia, o pai foi caçar de novo. Quando chegou em casa, o filho tornou a perguntar:

— Papai matou peixe, macaco, pomba, macuco? Que que papai matou?

O pai só assobiou. E era sempre assim. O menino zangou. Depois falou para a mãe:

— Eu quero sair por aí, para matar passarinho.

Preparou umas flechas e saiu com a mãe. Quando chegaram no acampamento do pai, o menino sentou e disse:

— Mamãe, me enterra aqui, eu não vou morrer.

— Não vou enterrar você. Vamos embora!

Foram andando. Noutra queimada do pai, o menino sentou outra vez, insistindo que a mãe o enterrasse ali. E agora a mãe chorou. O menino cavocou uma cova rasa, redonda e disse:

— Põe-me de bruços e me enterra, deixando a cabeça de fora.

Nesta hora, o menino quase flechou a mãe, pois ela não queria enterrar.

— Papai não respondia quando eu perguntava...

Por fim a mãe enterrou o filho com a cabeça de fora. O menino avisou ainda:

— Corre depressa e não olha para trás. Você faz ralo, peneira e esteira e diz ao papai para fazer xire e daqui uns dias vocês venham aqui.

A mãe saiu correndo e lá no mato escutou uma ventania e o grito do menino igual ao toque da flauta yetá. E esse foi o primeiro toque da yetá.

— Onde ficou o nosso filho? — Perguntou o marido.

— Estou zangada.

— Por quê?

— Vocês não respondia ao nosso filho quando perguntava pela caça. Ele ficou triste e lá no campo me pediu para enterrar. E eu enterrei.

O pai ficou triste e chorou. E a mãe deu o recado do filho: — Ele mandou dizer pra você fazer xire e eu fazer ralo, peneira e esteira e quando estiver tudo pronto, é para nós irmos lá.

Quando estava tudo pronto, foram lá e viram uma roça: do braço do menino nasceu a mandioca mansa; da cabeça, a cabaça; da unha, o amendoim; das costelas, o feijão pequeno de vagem comprida; do esterno, o feijão grande curto; do coração, o cará branco; da canela, a mandioca braba; do fígado, o cará preto; das tripas, a batata-doce; dos testículos, uma espécie de tubérculo; do pênis, a araruta; do Joelho, o porongo pequeno.

Estava tudo maduro. O menino não apareceu, mas está vivo.

Então encheram o xire de mandioca mansa e braba e batata. Voltaram escondidos pra casa e ainda escondido: assaram e comeram. Um formigas foram carregando migalhas de mandioca para outra casa. Uma mulher foi ajuntando e depois comeu e falou:

— Que bom! Onde essas formigas trazem esta massa?

Seguiu o carreiro das formigas e foi dar na casa da vizinha. Entrou e perguntou:

— Onde você achou essa massa?

— Como que você sabe que eu tenho essa massa aqui?

— A formiga levou.

— Não dou essa massa pra você, porque eu só tinha um filho e perdi para ter essa massa. Você tem muito. Pode perder um pra ter.

Aquela mulher voltou para a casa e contou:

— Eu escutei na outra casa que eles enterraram o filho deles e nasceu mandioca. Vamos enterrar um nosso também?

No outro dia enterraram um filho. Mas nasceu só cará, porque o pai dele não era chefe.

De inveja, a mulher foi roubando a mandioca até que acabou. Ninguém se lembrou de plantar a rama e não teve mais mandioca.

A MULHER MAGRA

Um homem virou **Āynnā** para comer a própria família e se separou da mulher. A mulher passou a morar na casa da mãe dela. A mulher sempre assava beiju e fazia chicha e mandava para o marido. Um dia, a filha da mulher levou chicha para o **Āynnā** e foi beliscando o irmão. Por isto, a sogra falou:

— Agora, eu mesma vou levar a chicha.

A mulher do **Āynnā** disse que não era para dormir lá. A velha chegou lá com a chicha, passou urucu e deitou na rede do **Āynnā**. De tardezinha, o **Āynnā** chegou e se encontrou com a sogra:

— Você que veio trazer a chicha hoje? Será que minha mulher ficou doente?

— Não, sua mulher não está doente, mas ela me mandou trazer a chicha hoje e disse que eu podia dormir aqui e voltar amanhã.

O **Āynnā** mandou a sogra descer da rede.

— Não, você é que deve vir deitar comigo!

Discutiram noite a dentro. A velha não desceu. Por fim, o **Āynnā**, não agüentando mais de pé, foi se deitar com ela. O **Āynnā**, quando acordou, viu que a velha tinha comido a perna dele e disse:

— Você estragou a minha vida. Mesmo assim, eu não vou morrer. Agora você leva essa carne para minha mulher e minhas crianças.

Quando a velha chegou, a mulher do **Āynnā** falou:

— Eu não falei que não era para dormir lá? Como que voltou só hoje?

— Cheguei muito tarde e seu marido pediu para eu dormir lá.

A mulher não acreditou na mãe e na mesma hora foi lá com o marido, para perguntar. O marido contou como a sogra comeu a canela dele de noite, quando dormiu (1). E disse:

— Agora virei **Āynnā**. Vou ficar no pé de ingá, no meio da roça. Quando você for apanhar mandioca e escutar assobiar assim: toen... toen... toen..., não olhe para mim, senão você morre, porque agora eu não sou mais gente. Eu sou **Āynnā**.

A mulher chegou em casa e disse para a sua irmã mais nova:

— Nossa mãe estragou nossa vida. De noite comeu a canela do meu marido e ele virou **Āynnā**. Vamos matar nossa mãe.

Derrubaram a mãe no chão e mataram. Depois pisaram na barriga dela. Da barriga saíram jacu-goela, jacuzinho e jacutinga.

A mulher ia na roça, escutava o **Āynnā** assobiar e não olhava. Um dia ficou cansada de buscar mandioca e mandou sua irmã. Avisou que não devia olhar para o pé de ingá, quando escutasse o **Āynnā** assobiar. A irmã foi. Quando chegou perto do pé de ingá, o **Āynnā** assobiou e ela olhou e chamou o homem e disse:

— Minha irmã acabou de me dizer que você morreu e virou outra gente. Mas você não morreu. Eu vou fazer chicha e quando estiver pronta, você aparece lá em casa. Ficou alegre, porque falou com o homem. Quando chegou em casa, a irmã perguntou:

— Como que você está tão alegre, você nunca foi assim. Acho que você falou com ele...

— Eu não falei. Eu sempre fui alegre.

Quando escureceu, a mulher esfriou a chicha, deu para o filho e deitou alto, perto da cumieira.

Bem de noite, no pau, perto da casa ouviu o assobio:

— Toen... toen... toen...

A mulher do **Āynnā** ficou quieta escutando e pensava: — minha irmã convidou mesmo meu marido. Ela vai morrer.

O **Āynnā** entrou e foi logo perguntando:

— A chicha está pronta?

— Esta é fria e aquela é quente.

Āynnā bebeu todas as duas. Deitou com a moça e foi comendo de baixo para cima. No começo ela ria. No amanhecer, o **Āynnā** arrancou o coração da moça e foi embora. Mas ainda cantou:

— Eu pensava que tinha carne para comer também.

A mulher disse:

— Bem que eu sempre falava que um dia eu ia ficar sozinha com um filho!

Chamou a criança, buscou remédio no mato, ferveu na água e despejou em cima dos ossos. A irmã reviveu, mas ficou muito magra.

(1) Um informante diz que a mulher não acreditou e no dia seguinte foi levar a chicha. O marido disse que virou **Āynnā**.

O FIM DAS ESTRELAS

Dois moços irmãos queriam casar. Um dia sonharam assim: foram ao campo caçar e comer passarinho. Estralavam os dedos, para chamar moça. Quando chegaram do campo, encontraram a casa saindo fumaça de dentro. Ali estavam duas estrelas irmãs: a mais velha deitada na rede do mais velho e a mais nova na do mais novo. Dormiram com as estrelas e na conversa falaram que elas eram magras. Depois os moços foram caçar de novo. Quando voltaram não acharam as moças. Tinham zangado, porque foram chamadas de magras.

Acordaram de manhã cedo e contaram o sonho. No mesmo dia, estralaram os dedos e no outro dia foram caçar passarinho. Quando voltaram, encontraram de verdade duas moças estrelas e ofereceram passarinhos e os quatro comeram. As estrelas não comeram nambu, dizendo que é cabaça delas. Convidaram os moços a subir com elas e mandaram fechar os olhos. Carregaram os dois moços nas costas e lá em cima mandaram que os outros acordassem os dois.

Os irmãos moços perguntaram às estrelas:

— Onde vocês acharam esses moços?

— Nós achamos lá embaixo e trouxemos, porque não temos homens aqui para nós.

A estrela mais velha disse para o marido:

— Quando meu irmão for caçar anta com você, você presta atenção: aqui as antas são muito altas, a gente vê só as pernas fazendo barulho embaixo e andam depressa. Vocês tem que atirar mais para cima e um pouco na frente.

No outro dia, foram caçar os dois moços da terra com o irmão das estrelas. O moço-estrela mostrou o trilho da anta. Pela meia-noite, vinha vindo a anta. O irmão mais velho flechou, como a mulher tinha ensinado. A anta correu um pouco e morreu. O irmão mais novo flechou outra anta, mas muito embaixo e pegou no pé. A anta fugiu. Os três voltaram para a casa.

No outro dia, todo o mundo foi buscar a anta morta. Cortaram e comeram só uns pedacinhos. O moço-estrela ainda foi ver se a outra anta tinha morrido. Não encontrou. Então mataram o rapaz mais novo e comeram.

Em casa, o mais velho disse para a mulher:

— Eu não sabia que vocês aqui são assim: mataram o meu irmão e comeram.

No outro dia foram jogar bola. Convidaram também o marido da estrela para jogar. O moço-estrela jogou a bola para o cunhado. Bateu na cabeça dele e ele morreu, porque a bola tinha veneno. Assaram o rapaz e comeram.

As duas moças acharam muito ruim e reclamaram com todo o mundo. Convidaram todos para passear no campo. Ajuntaram muita fruta e puseram fogo e viram que estalavam como porco-do-mato. Quando se encontraram em casa, disseram:

— Por que vocês não vão caçar mais longe?

— O que que vocês viram no campo?

— Vim rasto de porco-do-mato e quase que nos matavam.

Então o irmão convidou todo o pessoal para caçar porco-do-mato, menos os velhos e as velhas.

No outro dia, as duas moças correram na frente, ajuntaram frutas de novo e puseram fogo e o fogo estralou igual a porco-do-mato. O pessoal escutou os estralos e cercaram e foram apertando, apertando e no fim, viram que era fogo. Então o capitão falou:

— Tá! o fogo, vamos pular dentro!

O primeira que pulou virou macaco-preguiça; queimou os dedos e ficaram só quatro. Depois outro pulou e virou coatá, mas só sapecou e por isso ficou preto. Depois a gurizada virou toda zogue-zogue. O irmão das duas moças virou macaco-preguiça.

As duas moças voltaram para a casa e mandaram os velhos apanhar lenha e as velhas buscar água. Cavacos de pau bateram na testa dos velhos e morreram. As velhas escorregaram e morreram.

A VOLTA DA ALMA

Um homem sempre dizia para a sua mulher:

— Quando a gente morre, não morre de todo: a alma da gente continua vivendo.

Um dia, um pai de família morreu. As crianças começaram a passar fome. Então a mãe foi caçar mel jati numa várzea. Escutou um grito. Pensou que era a tia das crianças, mas era a alma do seu marido. A mulher teve tanto medo, que ficou fria. A alma perguntou:

— O que você está fazendo aqui?

— Estou caçando mel para as crianças.

— É, os seus irmãos sempre falavam que eu não caçava para vocês. Agora você mesma está caçando. Pega as crianças e vem comigo.

Saíram caçando e tirando mel. De tardezinha avistaram uma cabeceira. A alma disse:

— Vamos pousar ali.

Lá, assaram carne de tatu e comeram.

— Eu pensei que você tinha morrido de uma vez e que nossas crianças iam passar fome. Os meus irmãos, quando caçam, me dão

somente um pedacinho de nada. Eu agora estou muito contente com você.

— Pois é, e você sempre reclamava de mim na hora de nossas brigas.

No dia seguinte, a alma disse:

— Fiquem aqui, eu vou caçar sozinho. Quando eu achar caça, eu trago e depois nós vamos mais longe.

Em casa, os irmãos da mulher comentavam: — já é de noite e nossa irmã não volta com os nossos sobrinhos. Será que foi onça que pegou?

De manhã cedo foram atrás da irmã. Muito longe, já, acharam pegada de homem:

— Mas como? por aqui não anda gente! . . .

Seguiram o rasto. Avistaram também a cabeceira e disseram:

— Vamos lá.

Foram chegando devagarzinho. Viram os sobrinhos brincando. Aproximaram-se mais. Apareceu a irmã e esta disse:

— Por que vocês vieram atrás de mim? Eu estou caçando para as minhas crianças. Meu marido me apareceu como era antes e agora está caçando para nós. Ele me disse que quando voltar, nós vamos caçar mais longe.

— Deixa este teu marido. Ele já morreu. Se ele fosse como era antes, vocês podiam acompanhá-lo. Mas ele agora é só alma. Vamos embora pra casa.

A mulher começou a chorar, dizendo que não voltava mais para a casa:

— Meu marido está caçando e conversando comigo, como era antes. Se eu voltar para a casa, as crianças vão chorar. Eu vou ficar com meu marido.

— Vamos embora, se não ele vem atrás de nós.

A mulher se levantou, chamou as crianças, pegou o mel e acompanhou os irmãos. Quando tinham andado um pouco, ouviram o o marido da mulher gritar:

— Mulher, volta com as crianças pra cá! Esses seus irmãos não sustentaram vocês depois que eu morri. Vocês estão passando fome. Vocês, cunhados, não dão comida para a minha mulher e minhas crianças e ainda vêm tomar.

— É o meu marido que está gritando. Vamos voltar para ver.

— Não, vamos embora! — Responderam os irmãos.

— . . . Não sustentam a minha mulher e as crianças e ainda vêm buscar! . . . — Continuou gritando o marido atrás deles.

A mulher com os irmãos continuaram andando e sempre escutando o grito do marido até que foi diminuindo e sumindo. Quando chegaram em casa e foram ver o xire com as caças, o mel tinha virado areia; o tatu, um pedaço de pau, que pegou no xire e não puderam arrancar mais.

A GRAVIDEZ DE UMA MULHER

Um homem saiu para caçar mel. A mulher ficou em casa com a gravidez já adiantada. O homem ia longe e ouviu um assvio: — wā, wā, wā... moyamané; e um barulho: — tulu... tulu... tulu..., como de umas cabaças batendo umas nas outras nas costas de alguém. O homem pensou que eram outros seus companheiros correndo atrás de porco-do-mato. Aproximou-se mais para ver... Era Māmtitoriru. Então se lembrou que seu pai já havia falado dele. Correu e subiu num cambará do campo. O bicho não pôde subir, porque o pau era liso, mas ficou deitado debaixo, esperando o homem descer. Era meio-dia. De vez em quando, o bicho saía um pouco.

Numa dessas vezes, o homem aproveitou, desceu, pegou as suas flechas e xire e correu para a casa. Mais na frente parou um pouco. Escutou ainda o barulho do bicho que vinha atrás. Aí é que ele correu. Parou de novo. Não ouviu mais nada. Mas ainda andou apressado.

Já ia escurecendo. Numa hora, a Mãe-da-lagartixa ia pegando o homem. Também o bicho Waymi?ú quis pegá-lo, mas se livrou. E ainda na frente, ouviu o Āynnā cantar: — toan... toan... toan... O Āynnā cantou e se aproximou e falou para o homem:

— Não se assuste, cunhado, eu estou aqui tirando mel para o chefe. Pode passar sem medo!

O homem passou meio desconfiado e foi andando. Perto de casa, ouviu a criança chorar. Entrou e foi logo dizendo:

— Mulher, por que você não me falou que a criança já estava perto de nascer?

— Quando você saiu, eu ainda não estava sentindo nada. Por que você pergunta?

Māmtitoriru, a Mãe-da-lagartixa, Waymi?ú quase me pegavam, porque eu estava fora, quando a criança nasceu.

— Mas eu não sabia que a criança ia nascer, quando você estava fora. — Repetiu a mulher.

— Bem que você me falou de Māmtitoriru, papai! Hoje eu encontrei: queria me comer. Vamos fugir todos, porque ele pode vir aqui comer a gente.

Na mesma noite, todo o mundo fugiu da aldeia. Acamparam numa cabeceira. No dia seguinte, o homem voltou pelo caminho que tinha ido e foi sondar macuco. Escutou coatá gritar. Mas era Yawa?mô?yawli gritando no poleiro. Voltou à cabeceira onde estavam os companheiros e contou que o coatá estava gritando. O homem disse:

— Amanhã nós vamos matar esse coatá para as mulheres.

No dia seguinte cedo, foram matar o coatá. Os meninos maiores foram também para apanharem as flechas. Perto, o homem disse:

— Foi naquele mato que eu vi. — E saiu para cagar.

Um homem flechou um. Este gritou e chegaram outros coatás brabos e depois todo o mundo parou de falar.

— Acho que foi Yawa?mò?yawli que matou o meu pessoal. — Pensou o homem, que tinha se afastado. E nem quis mais ver: foi logo contar para o seu avô.

No outro dia, o homem foi ver o que tinha acontecido. Encontrou no local somente as flechas quebradas e os cabelos dos seus companheiros. Apanhou as flechas, quebrou e levou para as mulheres grávidas dos maridos mortos.

Quando as crianças cresceram, ficaram com os arcos dos pais.

A MOÇA MAGRA

Um homem foi a uma várzea com sua mulher e deixou a filha moça em casa ralando mandioca. Mäynukù chegou na casa e enquanto conversava com a moça, jogou veneno nela. Depois foi embora. De tarde, os pais voltaram e viram que a moça tinha uma febrinha.

— Que foi, minha filha?

— Não sei. Acho que é uma febrinha à-toa.

No dia seguinte, naquela mesma hora em que Mäynukù conversara com a moça, a moça morreu. Os pais tristes enterraram.

— Perdemos nossa única filha! — Disse o pai. Depois saiu andando, pensando na filha.

Na beira dum córrego, o pai encontrou uma sucuri e foi cortando toda de machado. Quando ia cortar perto do coração, a sucuri gritou:

— Ô, ô, ô, venha me acudir, o meu inimigo está me matando!

Uma voz do céu respondeu para a sucuri:

— Segura bem esse homem, não deixa escapar, já estou chegando!

O homem ainda cortou o último pedaço, esparramou tudo. Correu, trepou num pé de buriti e ficou quieto, igual a um sapinho, olhando o que ia acontecer. A gente do céu desceu, ajuntou os pedaços da sucuri e emendou. O último pedaço foi a cabeça. Pegou uma folha, esmigalhou, apanhou água, molhou a folha. Espremeu na sucuri e a sucuri ficou viva. Depois perguntou:

— Onde foi aquele homem?

— Subiu naquele buriti e se escondeu num talo.

— Então eu vou matar. — E foi cortando e olhando bem cada talo, mas não viu ninguém.

— Sucuri, você deve estar enganada. Mas agora toma cuidado, se não ele vem cortar você de novo.

A gente do céu foi embora. O homem bem escondidinho dentro de uma folha saiu devagarzinho e pensou:

— Agora eu vou fazer minha filha ficar viva de novo.

Pegou a mesma folha da gente do céu e foi voltando para a casa. No caminho, encontrou os ossos de uma nambu. Molhou a folha na água e espremeu em cima dos ossos da nambu e esta voou.

— Eu vou fazer viver a minha filha! — Disse contente.

Mais na frente, encontrou a ossada de um veado. Fez a mesma coisa e o veado saiu correndo. O homem acreditou ainda mais no remédio. Encontrou depois um besouro morto. Pingou a folha e o besouro saiu voando.

— Agora eu sei que a minha filha já vai ficar viva!

Desenterrou a moça, espremeu a mesma folha em cima da morta e ela ficou como era antes. Dias depois, o pai e a mãe saíram e a moça ficou ralando mandioca. Mäynukù escutou barulho dentro da casa da moça e falou para o filho:

— Vai lá, olha da porta e vê o que é.

O filho viu a moça ralando mandioca e contou para o pai.

— Não pode ser!

— É ela mesma, papai. Vai lá ver!

Mäynukù foi lá. Ficou conversando com a moça e botou veneno nela outra vez. A moça quando acabou de ralar a mandioca, estava com febre. Os pais chegaram e ela disse:

— Estou com febre, estou esquecida.

— O que foi?

— Não sei.

No dia seguinte, na mesma hora em que Mäynukù conversara com a moça, ela morreu. Enterraram. O pai buscou daquela mesma folha, espremeu e a filha reviveu novamente, mas desta vez bem mais magra.

No dia seguinte, Manã?mã foi naquela casa e comeu o pai, a mãe e a filha.

O BARULHO DOS SALTOS

Um dia, um homem convidou os outros da aldeia, para derrubar a sua roça. Levou a flauta yetá e seu filho. Pelo meio-dia, mandou o menino ver em casa se a chicha estava pronta. Logo mais, o pai saiu atrás do menino. Escutou de fora que ele estava dizendo para a sua mãe que os homens estavam com fome. Então entrou em casa, derrubou o menino e o machucou.

— Que é isso, você não está enxergando? — Disse a mãe.

— Não estou vendo direito, estou meio tonto. Eu acho que aquela chicha, que você fez, não estava bem cozida. Por isso, fiquei tonto.

O pai voltou para a roça e lá falou para os homens:

— Eu vou matar meu filho. Se vocês quiserem, podem comer.

Fizeram uma fogueira grande e ficaram esperando. O menino chegou e perguntou para o pai:

— Para que estão fazendo este fogo?

— É para assar uma cotia, que estão cavocando ali num buraco. Nessa hora, o pessoal chegou ao redor do fogo com uma forquilha.

— Vem aqui, meu filho, eu vou catar piolho em você.

O menino sentou e o pai foi abrindo o cabelo do filho e chorando. As lágrimas caíram no cabelo do filho.

— Está caindo água na minha cabeça, papai.

— É meu suor.

Não demorou, o pai pegou o menino e jogou no fogo. O pessoal segurou com a forquilha até assar. Então forraram o chão com folha de pacova e colocaram em cima e o pessoal comeu. O pai fez isto, só porque o menino contou para a mãe que o pessoal estava com fome na roça.

Arrancaram o braço esquerdo e deram para o homem. Este deixou a yetá na roça e levou o braço do menino para a mulher:

— Olha, o pessoal matou cotia e mandaram uma perna pra você.

A mulher notou a marca das continhas e reconheceu o braço esquerdo do filho.

— Por que você fez isto com meu filho? — Perguntou muito zangada.

A mulher pegou o arco e as flechas do marido, saiu para fora e convidou as outras mulheres para saírem também e disse:

— Vamos espiar a flauta! Foi por causa dela que mataram o meu filho.

As mulheres saíram todas, com os arcos e flechas dos seus maridos. Nessa hora, vinham vindo os homens da roça, com a flauta yetá. As mulheres flecharam e mataram todos os homens. A mãe do menino falou:

— Agora vamos nos espalhar por aí, subindo os rios. Cada uma sobe o que quiser.

Nos pousos forravam o chão com folha de guariroba. Esse lugar do rio virava corredeira. Foram andando até que um dia se juntaram todas. Aí fizeram um pouso grande, com muitas folhas de guariroba e aí se formou o salto.

O VELHO MATAVA AS MOÇAS E COMIA

Um velho sempre ia às outras aldeias procurar moça para o seu filho casar. Chegava e dizia:

— Tenho um filho, que está precisando de casar, e na minha aldeia não tem moça. Vocês aqui não querem me arrumar uma para o meu filho?

Numa aldeia fez a pergunta e um homem falou:

— Eu tenho uma moça, que está precisando de casar também. Pode levar.

A moça foi com o velho. Em casa, tratou a moça muito bem, com muito peixe. Mas o moço nunca aparecia, porque o velho não tinha moço nenhum. Ele engordou a moça e depois, escondido, pôs numa panela, cozinhou e comeu. Foi noutra maloca e contou a mesma coisa e ofereceram outra moça. O velho levou, engordou e comeu. E assim foi com uma porção de moças.

Agora trouxe uma linda mocinha. Quando chegou em casa, os seus companheiros acharam que o velho não devia matar. Mas o velho foi engordando a mocinha com peixe. Um dia falou para ela:

— Hoje o meu filho vai chegar aqui pra você dormir com ele.

De noite, o velho fez um boneco de osso de peixe, muito feio e deitou em cima da moça. Mas ela notou que todo ele era muito duro. No outro dia bem cedo, o velho perguntou para a moça:

— Meu filho veio aqui?

— Eu não sei, não vi nada: dormi toda a noite.

A moça viu que o velho não tinha moço nenhum para casar. E o velho foi pescar mais. Nisso, as mulheres da aldeia chamaram a mocinha para apanhar mandioca com elas. Na roça, as mulheres perguntaram:

— Por que você deixou o seu pai e a sua mãe e veio para cá?

— Esse velho disse que aqui tinha um rapaz para casar comigo.

— Você veio enganada. Ele não tem filho. Já trouxe muita moça pra cá. Engordou, cozinhou numa panela, que tem escondido e comeu. Volta logo para sua casa! Vamos mostrar o panelão e vai acreditar.

Dias depois, as mulheres fizeram carimãs de mandioca para a volta da moça. Deram ainda um conselho:

— Não durma perto de pau de farinha-seca, porque o **Āynnã** sempre fica aí. Perto dos outros paus, você pode dormir, que não há perigo.

A moça fugiu. Levou 3 ou 4 luas até chegar à sua aldeia. Contou que aquele velho não tinha moço para casar: engordava as moças pra comer. Fez assim com muitas moças de outras aldeias e por causa disso fugiu.

O velho procurou a mocinha por vários dias, em volta da casa. Não encontrou e foi à aldeia dela para trazer de novo.

— Essa mocinha fugiu do meu filho. Ele está sentindo falta dela.

— Mentira, você não tem moço para casar! Já enganou muitos pais. Leva as moças, engorda e depois come. Minha filha não vai mais!

O velho voltou e deixou de buscar outras moças.

O TAMANDUÁ-MIRIM E OS CAÇADORES

Um homem foi caçar com a mulher, o genro e a filha casada. Um menino, uma menina, filhos do casal mais velho, ficaram em casa. Os caçadores mataram um tatu-liso, voltaram, limparam, puseram a carne num cesto e dependuraram na cumieira da casa e disseram:

— Isto é para Náhi!

Foram caçar outra vez. Chegou o tamanduá-mirim, com um pau na mão. Encontrou somente as crianças em casa.

— Onde estão os pais de vocês e os irmãos mais velhos?

— Foram caçar. Vão voltar de tarde.

— Eu sei: eles estão matando os meus bichos. Por isto, vou matar vocês. Venham aqui fora.

As crianças não saíram. O tamanduá-mirim viu o cesto de carne. Entrou e tirou.

— Não pode comer essa carne: papai disse que é pra Náhi.

— Então eu sou o Náhi! — Desceu o cesto e começou a comer a carne ali mesmo e disse:

— De tarde eu volto para encontrar os pais e irmãos de vocês e matar todos. — Disse e foi embora levando o resto da carne.

De tarde, chegou primeiro o casal mais novo. As crianças contaram:

— O tamanduá-mirim comeu carne e levou o resto e disse que de tarde volta pra matar a gente.

— Mentira! — disse o cunhado das crianças — vocês mesmos comeram a carne. Era para Náhi.

— Não, nós não comemos. Foi o tamanduá mesmo. Vem ver o rasto dele!

O cunhado viu. Não acreditou e disse:

— O rasto está grande demais para ser do tamanduá-mirim.

Chegaram os pais das crianças. Estas contaram de novo e explicaram:

— Nós já mostramos o rasto do tamanduá-mirim para o nosso cunhado, mas ele não acreditou.

O pai foi ver também e disse:

— Isto não é o rasto do tamanduá-mirim. Vocês fizeram esse rasto com o pé. Por que vocês comeram essa carne? Eu disse que era para Náhi!

Todos ficaram tristes, porque desaparecera a carne de Náhi.

Logo mais, um menino escutou: — du... du... du... e disse:

— Lá vem o tamanduá-mirim. Papai não quis acreditar, agora nós vamos morrer.

O tamanduá-mirim chegou e falou:

— Saíam todos para fora. Vão morrer!

O homem mais velho saiu para ver. O tamanduá desceu o porrete na cabeça dele. A mulher saiu e já ia bater no tamanduá, mas

caiu morta também, em cima do marido. Um menino queria sair também, mas o genro do morto falou:

— Espera, eu vou fazer outra coisa...

Saiu pela porta do fundo e flechou o tamanduá. Este caiu no chão e foi rolando, rolando... até cair num buracão. Virou tamanduá-mirim. Antes era gente. Até hoje o tamanduá-mirim mora no buraco.

A MOÇA E O LOBÃO

Duas moças foram apanhar formiga pra comer. Quando estavam comendo, chegou o lobão.

— Você não quer ir comigo? — Perguntou o lobão para uma delas.

— Eu estou com sangue. Leva essa minha cunhada que está boa.

— Não, eu quero é você assim mesmo!

Apanhou a moça e foi embora com ela. A cunhada voltou sozinha para a casa. A mãe perguntou:

— Onde está minha filha?

— O lobão carregou.

Nasceu um filho do lobão com a mulher. A mulher disse:

— Vai buscar água para banhar a criança.

O lobão saiu para buscar água numa cabacinha. Quando já ia longe, o papagaio gritou:

— Lobão, volta, sua mulher vai fugindo.

O lobão urinou na cabaça e voltou correndo.

— Onde está a água? Você trouxe foi urina. O seu papagaio está mentindo. Eu nem posso andar, como que vou fugir? Vai buscar água.

Mal o lobão saiu, a mulher raspou uma pedra num pouco de água dentro de uma cuia, pôs na cabeça e deu para o papagaio beber e ele não falou mais, e ela fugiu para a casa dos pais. Quando o lobão chegou, não encontrou mais a mulher. A mulher chegou em casa com o lobozinho nos braços.

— Ah, minha filha, você chegou! — Disse alegre a mãe.

A cunhada também abraçou e chorou:

— Tanto tempo que eu não via você e agora você apareceu! Vem aqui fora, vamos conversar.

A mulher contou o que houve. Então a cunhada disse:

— Vamos primeiro passar cinza quente nos cabelos do peito do seu filho e arrancar.

O lobozinho não agüentou e morreu.

Um dia, o lobão apareceu com carne assada de veado, tatu e lagarto, para a sogra. Entregou a carne para ela e falou:

— Eu levei a sua filha, sem você ver, para ficar com ela. Assim mesmo eu vim trazer presente para você. Ela fugiu de mim e eu vim buscar outra vez.

A sogra mostrou a sua filha para o lobão e ele sentou na rede com ela e lhe deu mais carne. Quando escureceu, o irmão da moça chamou o lobão para cantar fora. Ele saiu e cantou assim:

Wadiduli... duli... duli...

Kaneytyanātu... wasikwynātu (babosa)...

Kaneytyanātu (fruta de lobo)...

Wadiduli... duli... duli...

O irmão da moça enjoou de ouvir o lobão cantar. Pegou um pedaço de pau e desceu nas costas dele.

— Vem me acudir, sogra, seu filho está me matando!

A sogra correu, mas não chegou a tempo. Os outros reclamaram:

— Por que você matou o lobão? Ele trouxe carne para nós!

A MORTE DE MĀPSÍ

Uma mãe foi à roça buscar mandioca e deixou a criança em casa. O menino chorou, chorou e saiu para a roça, procurando a mãe. Māpsí escutou o choro e foi apanhar o menino, para comer. Pregou uma folha na altura do peito e disse:

— Vem mamar.

— Não, você tem o peito preto, mamãe não é assim, não.

— Eu sou sua mãe.

Pegou a criança e levou para a casa dele. Fez um fogo, pôs a panela com água e a criança dentro e foi tomar banho e ficou lá brincando. O fogo apagou. A tia escutou Māpsí gritar alegre e pensou: — Māpsí levou meu sobrinho... — Correu na casa de Māpsí e encontrou o menino ainda vivo rodeando dentro da panela e jogando água da boca. Tirou o menino, bateu com um pau e rachou o caldeirão e recomendou ao periquito e à jandaia que não contassem para Māpsí.

Māpsí voltou do banho, pôs mais água na panela. Vazou e viu que estava rachada. Perguntou ao periquito e à jandaia:

— Quem tirou a criança?

— Nós não vimos.

Māpsí saiu procurando, andando e chegou noutra casa com outra mulher e outra criança dentro. A porta estava amarrada com cipó. O marido tinha ido buscar abacaxi.

— Olha mulher, tenho uma pulga no pé. Deixa entrar pra você tirar pra mim.

— Não, meu marido disse que não é pra ninguém entrar aqui.

— Então eu vou só enfiar o pé aqui pelo buraco do barrote e você tira.

Quando a mulher furou o pé de Māpsí, espirrou veneno na cara da mulher e ela morreu. Māpsí rebentou o cipó, comeu a mulher

e guardou os ossos em cima na casa. Pegou a criança e cantou para ela não chorar. O pai escutou o canto de Māpsí e correu para a casa. Foi logo flechando, mas errou. Perguntou:

— Quem está aí?

— Não flecha, eu estou aqui, porque escutei sua criança chorar e comecei a cantar, para ela parar.

— Onde está minha mulher?

— Saiu pra pegar tucura.

— Mas não vi o rasto!...

O homem viu os ossos... Mandou Māpsí buscar água pra fazer a chicha de abacaxi. De novo Māpsí ficou brincando na água. O homem pegou os ossos da mulher e fez viver de novo e foi deixar no mato a mulher e a criança. Depois de muito tempo, chegou Māpsí com a água e perguntou:

— Sua mulher já chegou? Onde está a criança?

— Deixa a minha mulher e minha criança, vamos cuidar da chicha de abacaxi. Agora você soca abacaxi.

O homem saiu e foi pondo fogo em roda da casa. Māpsí não reparou, porque estava socando. Quando percebeu, o fogo estava grande. Gritou:

— Apaga o fogo, companheiro, se não eu morro.

— Você comêu minha mulher. Você agora não sai mais.

Māpsí jogou ainda veneno no fogo, mas o veneno acabou e o fogo matou Māpsí.

A ORIGEM DA LUA

Eram três irmãos: um homem casado, um moço chamado Uyeypali e uma mocinha, a mais nova dos três. Uyeypali sempre mexia de noite com a sua irmã, mas ela não sabia quem era. A mocinha ficou grávida. A mocinha convidou as outras mulheres para irem apanhar yánã (fruta que dá tinta). Voltaram, colocaram a fruta de molho numa cabaça. A mocinha guardou a tinta. Quando o irmão veio outra vez, de noite, a moça, enquanto conversavam, meteu o braço do moço dentro da cabaça da tinta e ainda passou tinta no rosto dele. Ele saiu correndo e tentou tirar com uma folha, mas a tinta não saiu mais.

No dia seguinte, a moça pediu ao irmão mais velho que convidasse os homens e os moços para jogarem bola. Ela queria descobrir quem mexia com ela. Saíram todos para jogar. Ela não viu ninguém pintado de tinta.

A bola caiu dentro de uma casa. Um foi buscar. Viu o rapaz pintado lá dentro e chamou para jogar com eles. Quando saiu, a moça viu que era o próprio irmão que mexia com ela de noite.

Continuaram jogando. Uma hora, a bola foi cair dentro da casa da moça. Ela segurou a bola. Um deles foi buscar. A moça não quis entregar. O irmão mais velho da moça mandou que entregasse, para continuarem o jogo. Então ela falou:

— Chama aquele moço pintado lá, para ser o seu cunhado.

O homem pegou a bola, jogou no chão e se dirigiu para o irmão:

— Nossa irmã está dizendo que é para você ser meu cunhado. . .

— Você vai buscar a sua rede e fica comigo. — Disse a moça para o rapaz.

O moço fez assim.

Depois os dois foram na casa de umas velhas. O moço falou:

— Vovós, aqui está a minha mulher.

As velhas não responderam nada, mas no dia seguinte foram na pitakana?í (lagoa) tomar banho. Quando mergulharam na água, saíram limpinhas e bem novinhas e ainda passaram urucu e voltaram para a casa. O moço falou:

— Como são bonitas, e eu estava chamando de vovós!

A mulher do moço falou:

— Eu também sou ainda novinha e elas não deixaram de ser vovós.

Aí o moço não soube o que fazer e resolveu virar lua:

— Ao menos, quando eu estiver para o lado do poente, todo o mundo vai me achar bonito. . .

POR QUÊ VIVEM ESPALHADOS OS ANIMAIS

Antigamente todos os animais viviam juntos num buraco só. A cotia sempre saía para comer fruta fora. Um dia, um homem descobriu e esperou a cotia. Quando esta chegou, o homem flechou. A cotia levou a flecha para o buraco.

O homem foi esperar de novo. A cotia chegou, o homem flechou e ela levou a flecha de novo. Então, o homem foi com toda a família procurar a cotia. A mulher viu a pontinha da flecha na boca de um buraco. Chamou o homem. O homem cavou e achou as duas cotias flechadas e descobriu que os animais todos moravam dentro daquele buraco. Aproveitou e já matou mais um caítitu. Tapou novamente o buraco e voltaram para a casa: as cotias e o caítitu já eram bastante.

Quando acabou a carne, o homem voltou de novo àquele buraco. Entrou, afastando as cobras e escolheu um porco. Deu só o pé para o cunhado, dizendo que tinha achado somente aquele pé andando.

No outro dia, o homem foi mais uma vez ao buraco e deu ainda só o pé para o cunhado. Na outra vez, levou a mulher e deixou

em casa seus dois meninos. Entretanto, o cunhado chegou na casa das crianças e perguntou:

— Onde foram seus pais?

— Foram caçar.

— Onde que eles acharam o pé de porco?

Os meninos não queriam contar. O cunhado mostrou um rato para os meninos. Mas não tiveram medo. Então mostrou um gambá. Aí os meninos ficaram com medo e disseram:

— Nós vamos mostrar o lugar onde papai mata porco.

Os meninos mostraram o buraco. O cunhado entrou e começou a jogar todas as cobras pra fora e todos os outros animais.

— Não é assim que a gente faz, titio! A gente só pega o que a gente quer e o resto deixa aqui. Assim que papai faz.

Mas o cunhado, zangado, espalhou tudo quanto era bicho. De tanta raiva, nem levou nada. Depois cada um voltou para sua casa. Logo chegaram também os pais dos meninos. O pai dizia:

— Encontrei rasto dos animais por toda a parte. Quem foi que espalhou?

— Foi o titio, papai: chegou aqui com um bicho feio, meteu medo em nós e obrigou a mostrar o buraco para ele. Ele foi lá, ficou zangado e espalhou todos os animais.

O pai reclamou com os meninos.

A ANTA E A SUCURI

A sucuri morava num poço grande. Um dia a anta chegou aí. A sucuri pegou no pé da anta, mas esta carregou a sucuri até no campo seco e aí largou e foi embora. A sucuri morreu de sede. Ficou somente o lugarzinho do coração e os ossos já estavam todos espalhados no chão.

Um dia, chegou um homem ali. Perguntou:

— Que aconteceu com você?

— Eu estava com fome na lagoa. Apareceu a anta. Peguei pelo pé, mas ela me carregou e me deixou aqui e eu morri de sede. Você está escutando o urro de um salto? Lá perto é a minha casa. Me leva pra lá!

O homem juntou os ossos da sucuri no xire, deixando a cabeça em cima e saiu carregando. Perto da lagoa os ossos começaram a se emendar. Quando chegou perto da água, a sucuri já estava inteirinha. No salto, o homem desceu o xire e a sucuri saiu.

— Espere um pouco, cunhado, eu vou beber a água e você pega peixe no seco.

A sucuri foi bebendo a água e o homem apanhando peixe. Depois de um tempo, a sucuri disse:

— Depressa, cunhado, que eu já não agüento mais! — E soltou toda a água de novo.

O homem apanhou muitos xires de peixe. Fez um jirau para moquear. A sucuri se pôs perto do fogo, dizendo:

— Pode assar para comer, cunhado, não tenha medo de mim.

Ainda assim o homem ficou com medo da sucuri e disse:

— Não quer comer peixe?

— Não, só como veado e anta. Pode assar o peixe, sem medo.

De manhã, quando o homem ia saindo com os peixes, a sucuri ainda disse:

— Espera um pouco, cunhado.

Foi, tirou da água Manã?inke?í (cobrinha) e disse:

— Você leva. Quando for fazer roça, você capina, prepara as ramas, que Manã?inke?í vai fazer o resto.

A cobrinha ficou trabalhando para o homem. Fazia o serviço muito depressa. Outro homem pensou: — Como que esse companheiro planta tão depressa. . . — Um dia foi ver. Reparou Manã?inke?í trabalhando e perguntou ao dono da roça:

— Quem está plantando para você?

A cobrinha escutou a conversa, correu, caiu no rio e ficou com a sucuri novamente.

A SUCURI MATA O HOMEM VIRADO ĀYNNĀ

— Queria tirar mel xupé! — Disse a mulher para o marido.

— Então vamos.

Encontraram um xupé grande. O homem fez fumaça e trepou no pau para tirar o xupé com machado. A mulher ficou sentada embaixo. Olhou para cima e viu muito sangue no marido.

— Tá caindo sangue. . . O que foi?

— Eu machuquei com o machado.

A mulher olhou bem e viu que o marido tinha virado Āynnā e ficou com medo dele. Tinha caído já um pedaço do xupé. Ela disse:

— Espera aí, que eu vou buscar folha pra levar o xupé.

— Está bem! — Disse o homem.

Mas a mulher fez foi fugir. Chegou numa água e encontrou uma sucuri.

— Estou com medo. — Disse a mulher.

— Não tenha medo, prima. Pode chegar. O que foi com você?

— Meu marido virou Āynnā, quando estava tirando xupé e eu vou fugindo. O que eu queria agora era atravessar essa água.

— Eu vou ficar estendida na água e você passa por cima de mim. Pode fazer sem medo.

No outro lado, a mulher gritou para o marido:

— Eu estou aqui, vamos embora. Não quero mais xupé.

— Espera aí, que eu já vou. — E já foi indo. Quando chegou na água perguntou:

— Por onde você passou?

— Por cima desse buriti aí.

— Mas estou com medo de cair na água.

— Não tenha medo. Por aí que eu passei.

— Lisol! — Disse, quando começou a atravessar.

— Não é muito liso! — Animou a mulher.

Aí o **Āynnã** continuou. Quando ia no meio, a sucuri se mexeu e ele caiu na água. Então a sucuri enfiou o rabo na bunda do **Āynnã** e ele morreu. A sucuri engoliu inteiro e ficou com a barriga estufada. Depois disse para a mulher:

— Prima, eu queria uns caroços de piqui para eu fazer um chocalho.

A mulher tirou o seu chocalho de caroço de piqui, deu para a sucuri e depois foi pra casa.

A ORIGEM DOS POVOS

Antes, os Iránxe moravam dentro de uma grande pedra. Um homem virou urubuzinho e saiu da pedra por um buraquinho em cima. Andou fora pelo campo, viu muita coisa bonita e trouxe umas florzinhas, que foi o de que ele gostou mais. Voltou outra vez e escondeu as flores. Na verdade estava alegre, mas aparentava grande tristeza, no meio dos outros.

— Que que você tem?

— É que aqui dentro é muito feio e lá fora é muito bonito.

— Como é que você sabe?

O urubuzinho tirou e mostrou as florzinhas:

— Olhem o que tem lá fora!

— Mas como é bonito!

— Eu quero sair! — Disse um.

— Eu quero sair! — Disseram todos ao mesmo tempo.

Um homem bem velho falou:

— Sair é mau. Lá fora a gente morre!

— Velho não pensa! Vamos sair logo, lá fora não vamos morrer.

— Disseram todos.

Os bichos lá fora escutaram conversa dentro da pedra e falaram:

— Vamos abrir essa pedra?

As pacas e as cotias foram roendo e quebrando o dente. **Mām kū?** — **in?ākū** salivou a pedra e essa ficou mais mole. Veio o pica-pau e disse:

— Dente não fura essa pedra. Só bico! Eu vou furar. — Abriu a pedra e olhou dentro.

Saiu todo o mundo, menos o velho. Dizia que estava com dor de dente. Um homem de barriga grande falou:

— Fecha esse velho! (1).

Fecharam. E como lá dentro ninguém morre, o velho ainda hoje está lá.

Os primeiros a sair foram os Iránxe. Os Kayabí sentaram num pau bonito; os Paresí, em jatobeiro; os Nanbikuára, em jatobeiro pequeno; os civilizados num pau mole; os Iránxe em pau mole também, no meio de todo o mundo. Quando saíram da pedra já traziam o fogo. Os índios brabos separaram-se. Só agora começaram a brigar e a morrer. Lá dentro era bom, porque era tudo unido.

ORIGEM DO DIA (I)

Um tatuzinho falou para a sua cunhada, o tatu-cascudo:

— Quando que nós vamos poder trabalhar? Só tem noite...

— É isto que eu estou sempre imaginando. Sabe? meu marido, o tatu-galinha, tem o dia dentro de uma cabaça e não quer deixar sair. Faz assim: você pega esse pau, vai em casa e quebra aquela cabaça dependurada. Ali está o dia. O tatuzinho foi lá e quebrou... O dia apareceu. O tatuzinho correu e entrou no buraco. Chegou o tatu-galinha e perguntou para a sua mulher:

— Você não viu alguém entrar aqui? Quebraram a minha cabacinha e soltaram o dia.

Não vi. Mas vamos procurar quem quebrou a cabaça.

O tatu-galinha achou o buraco do tatuzinho, mas a mulher falou:

— Nesse buraco tem marimbondo.

O tatu-galinha largou aquele buraco e foi procurar em outros lugares. Procurou, procurou... e nada encontrou. Desistiu e foi dormir.

Agora todos andam de dia.

ORIGEM DO DIA (II)

Faz tempo só havia o escuro. Não tinha o sol, nem a lua e nem o dia. Para trabalhar na roça, era preciso ficar com o fogo aceso. Um menino manhoso chorava toda a noite. Sempre colocavam fora, porque não deixava ninguém dormir. Uma dessas vezes, o menino disse:

(1) Um informante disse que o velho ia saindo e disseram: — Você não pode sair. Este informante acrescentou ainda que ficou mais gente com o velho.

— Abre a porta, porque eu quero dormir um pouco aí dentro.
A mãe saiu para pegar o menino. Este mostrou para a mãe:
— Olha lá, mamãe, como está clareando... É o sol que vem.
A mãe chamou os outros:
— Meu filho está falando a verdade... O dia está amanhecendo!
Por isso é que meu filho chorava, querendo dormir fora. Ele achou o sol. In?nuli está nos ajudando.

Saíram todos para ver.

— Agora todo o mundo tem de dar presentes para o meu filho.
Deram contas, redes e brinquedos. Os pais do menino ficaram muito contentes. O menino nunca mais chorou de noite.

O sol subiu até meio-dia. Depois foi descendo até escurecer. Todo o mundo ficou triste de novo. Ficaram esperando desconfiados. O sol veio de novo. E até hoje ele vem de manhã e vai embora de noite. É sempre assim.

O MORCEGO E O MILHO

Só o morcego tinha milho. O pé de milho do morcego carregava desde o tronco até encostar no pendão. O morcego só dava milho já assado ou a chicha. Nunca a semente.

Um dia, os homens foram roubar o milho, com a desculpa de jogar bola com o morcego. Havia muito carimã e chicha de milho e milho assado para os jogadores. A semente estava dependurada, em cima, na casa, e o morcego sempre cuidando.

De noite, os homens chamaram o grilo e pediram para derrubar ao menos um caroço de milho. O grilo subiu e derrubou quatro. Um homem apanhou os grãos e colocou um grão em cada ouvido e os outros dois no pênis. O morcego notou uma coisa cair e perguntou para a mulher:

— Que foi que caiu aí?

— Não é nada. — Disse a mulher.

O morcego não sossegou. Levantou e começou a examinar os homens. Encontrou os dois grãos de milho no ouvido de um e tirou. Continuou procurando e encontrou mais os dois grãos no pênis. Mas o homem falou:

— Esses dois aí não nascem mais.

Então o morcego jogou fora aqueles dois grãos. O homem ajuritou de novo.

O homem plantou. Os dois pés de milho carregaram de alto a baixo. Colheu e guardou numa cabaça, para plantar no outro ano. Quando veio a chuva, fez uma roça maior e plantou toda a semente. Agora já deu para comer e ter semente. Fez roça de novo e encheu todinha só de milho. Quando estava maduro, convidou o

pessoal das outras malocas, para ajudar a comer. O homem dividiu a roça, para cada um apanhar o seu. Então o pessoal foi ao mato, apanhou pau para fazer mais roça. Acharam um morcego no oco de uma árvore. Mataram, sapecaram e comeram.

No outro dia, um homem fez uma peteca de palha de milho. De tardezinha, a gurizada foi jogar. O morcego passou e apanhou a peteca no alto.

Agora foram fazer uma nova roça de milho: só colheram três espigas. Plantaram outra vez: então é que não deu mais nada.

Por isso, não se pode jogar peteca de tardezinha: só ao meio-dia.

O HOMEM QUERIA COMER CARNE

Um homem sondou tatu-bola dois dias, no buraco. E o tatu-bola não saía. Mas foi sair lá na frente, num suspiro e veio conversar com o homem.

— Cunhado, o que você está sondando aqui?

— Estou esperando o tatu-bola. Entrou aqui já faz dois dias e não saiu até agora.

— Ah, cunhado! Tem muita abelha mamangaba assanhada na boca do buraco. O tatu pensou que tinha alguma coisa, por isto não saiu aqui. Vamos procurar o suspiro dele.

Saíram procurando. O tatu-bola achou o suspiro. Disse:

— Olha aqui onde ele saiu. Você está com vontade de comer carne, não é? Então vamos na festa. Lá o pessoal mata carne pra você.

Aí eles andaram e foram encontrando e passando os caminhos do tatu-canastra, tatu-bola-do-mato, tatu-bola, tatu-cascudo, tatu-galinha-do-mato, tatu-liso, tatu-liso-pequeno, do tamanduá-bandeira, tamanduá-mirim, do veado, da paca, da cotia, da onça-pintada, onça parda, jaguatirica; gato-do-mato, do lagarto, caçango, da anta, do caititu. Quando chegaram no caminho do porco-do-mato, o tatu-bola falou:

— É por esse caminho.

Quando foram chegando lá no morro, escutaram grito de veado. Chegaram na casa da festa. O porco-do-mato e o caititu flecharam perto do pé do homem. O tamanduá-bandeira, o tamanduá-mirim e o tatu-canastra bateram perto do pé do homem com o rabo, como porrete. A onça ficou de lado, só olhando para o homem, porque gostou dele. Tinha mais um tatu-bola na festa. A onça falou para o tatu-bola que veio com o homem:

— Para que você trouxe esse homem na festa?

— Ah, ele queria comer carne. Perdeu dois dias sondando tatu-bola. Então eu trouxe para cá. Agora vocês dão carne para ele.

Então uns bichos começaram a flechar os outros. A onça-pintada matou a anta e o porco-do-mato. A onça-parda matou o caítitu. A jaguatirica matou a paca, o gato-do-mato e a cotia. E deram para o homem. O homem pegou a carne e foi embora.

O CASTIGO DA MOÇA

Era o moço chamado Māpuli e uma moça chamada Marírikyalu. Um dia casaram. Mas Marírikyalu não gostava de Māpuli. Casou por fingimento. O seu pensamento estava em outro rapaz. Na primeira noite que foram dormir juntos, a moça matou o rapaz pisando nos testículos e foi deitar em outra rede. De madrugada, Marírikyalu pegou umas cabacinhas, um tição de fogo e desceu para o rio.

Daí a pouco, o pai do moço chamou, chamou... O moço não respondeu. Então a sogra ergueu o braço do moço. Estava frio. Disse:

— Acho que essa mulher matou o meu filho. Por isso que fugiu.

O pai do moço foi com um companheiro atrás da mulher. Era escuro. A mulher corria na frente. Os dois homens chegaram na roça da outra aldeia, subiram num pau e ainda viram a mulher entrar devagarzinho na casa da sua irmã. Os dois homens voltaram. O pessoal fez flecha para ir matar todo o mundo da maloca da mulher.

Logo apareceu o halo na lua.

— Lá estão fazendo flecha. Olha o halo na lua! É sinal que você fez alguma coisa na maloca do seu marido. — Disse a irmã da mulher.

— Eu não fiz nada. Eu vim embora, porque o meu marido ficou zangado comigo. Foi só isto. — Mas ficou com medo e fez um buraco na parede da casa, perto da rede, para fugir, se fosse preciso.

Chegou o pessoal da outra maloca, com arco e flecha. Um homem saiu da casa. Os outros começaram a flechar e mataram todo o mundo, menos aquela mulher. Prenderam e amarraram a mulher em dois esteios, os braços e os pés abertos. Todos abusaram dela, a começar pelo sogro e por fim flecharam e despedaçaram.

Voltaram para a casa e mentiram para as mulheres dizendo que só comeram carne e beberam chicha. Os urubus comeram os mortos.

O CAÇADOR DE MAMBUÇÃO

Um homem foi caçar mel mambucão. Não muito longe escutou um barulho. Então perguntou:

— Quem está aí?

— Sou eu.

- Quem é você?
- Eu sou Kamum.mè.inã (mambucão).
- O homem se aproximou e o mambucão perguntou:
- Que está fazendo aqui?
- Eu estava caçando mel mambucão, cunhado.
- Vamos lá na minha casa, cunhado, o meu pessoal está todo jogando bola, brincando, fazendo festinha. Eu sou o chefe.

O homem acompanhou o mambucão. Na aldeia, o homem viu todo o mundo jogando e bebendo chicha. O melhor jogador era a abelha iraxim. Ofereceram chicha também para o homem. A mais gostosa era a do manduri. Comeu ainda filhote de abelha que era igual a beiju.

Acabou o jogo. O chefe mambucão deu carimã, chicha e beiju, para o homem levar para a casa, no xire. Avisou para o homem não descer o xire na viagem, mas só em casa, para a mulher olhar. O homem foi embora.

No caminho, desceu o xire e saiu para cagar. Quando voltou, viu que o carimã tinha virado a porta da casa do mambucão; a chicha, o mel; e o beiju, filhote. O homem triste, apanhou o xire vazio e seguiu viagem. Em casa contou a história para a mulher. Essa disse:

— Vamos lá, quem sabe, ainda estão lá na aldeia e nos dão de novo?

Foram. Mas a casa do chefe tinha virado um pau grande e as outras, uns paus pequenos. Nem tiveram coragem de tirar mel. Voltaram para a casa.

O AVISO DE IN?NULI

Um homem vivia com a mulher e uma criança. Toda a vez que o homem ia caçar e não matava nada, a mulher se queixava. Então o homem zangava e judiava da mulher. Foi indo, In?nuli chamou os pais daquele homem. Logo depois In?nuli mandou também uma doença para a sua mulher. O homem ficou muito triste. Foi caçar, matou um veado e fez beiju e a mulher comeu beiju com carne. Mas foi indo, a mulher morreu também.

Então o homem fez mais beiju e ofereceu com carne para a alma do seu pai falecido, para que viesse e lhe dissesse o que havia de fazer. Um dia de noite, quando o homem já estava deitado, chegou a alma do seu pai.

- O que foi, meu filho?
- Minha mulher e o meu filho morreram. Estou aqui sozinho, morrendo de saudade. Diz lá para In?nuli que me dê de novo a minha mulher e o meu filho.

O pai nem comeu. Voltou logo para o céu e falou com In?nuli:

— Meu filho está morrendo de saudade de sua mulher e da criança. Eu posso levar novamente para ele?

— Pode. — Respondeu In?nuli. — Mas diga para o seu filho que, se ele ainda judiar da mulher e da criança, eu os chamo de novo e nunca mais os entrego.

— Está bem, In?nuli, eu vou dizer isso para o meu filho. — E levou a mulher e a criança.

Aqui na terra, disse para o seu filho:

— Estão aqui a sua mulher e a sua criança. Mas In?nuli mandou dizer para não maltratar mais, porque se não, ele chama de novo para sempre. Quando você não achar caça, não precisa brigar com sua mulher. Explica que não é culpa sua, mas é porque é muito difícil mesmo.

E todos juntos comeram beiju com carne.

A NAMBU E O GAMBÁ

A nambu, no tempo da chuva, canta debaixo de suas asas, que é igual a uma casinha. O gambá estava caçando, quando deu uma chuva. Foi lá com a nambu e disse:

— Cunhada, está chovendo muito. Eu estou com frio. Deixa eu ficar aí debaixo da sua casinha?

— É muito pequena, não dá pra nós dois.

O gambá ficou ali perto, do lado do vento.

— Você está fedido demais, cunhado.

— Como que eu estou fedido? Minha tia acaba de me arrumar!

O gambá deitou perto do fogo. Mas tinha muita formiga. Aí foi deitar com a nambu.

— Não, cunhado, você está muito fedido. Desce!

Mas o gambá não descia. Vira daqui, vira dali... a rede começou a rasgar. A nambuzinha desatou a rede, apagou o fogo e foi embora. O gambá ficou gritando: — cunhada, cunhada...

A nambuzinha lá na frente armou a rede outra vez, deitou e nem prestou ouvido ao gambá. Mas o gambá foi de novo com ela:

— Estou com friol!

— Deita aí no chão. Você rasgou a minha rede.

— Aqui no chão tem muita formiga!

O gambá foi deitar de novo com a nambuzinha. A rede rasgou mais. A nambuzinha pegou a rede e dessa vez foi deitar e cantar no outro lado do rio. O gambá foi atrás, mas viu que tinha água no meio. Subiu ainda num galho de pau, que caía para o rio. Mas não chegou até o outro lado. Gritou para a nambu:

— Cunhada, você disse que eu sou fedido. Você também caga fedido! — Falou e foi embora.

HOMEM VAI COMER CARNE DE GENTE

Um homem viu que morria muito lránxe e a carne se perdia. Por isto resolveu virar **Āynnā**, para aroveitar a carne.

Começou a fumar muito e se deitava ao sol quente, no terreiro, com mais um fogo ao lado, para ficar leve. E ainda toda a noite apanhava talo de buriti seco e com eles fazia um jirau no meio do terreiro. Acendia um fogo embaixo e se deitava em cima, para continuar de noite a emagrecer com a fumaça.

Mostrava a bunda murcha, para verem a magreza e dizia que estava leve como o talo de buriti seco.

Ficou magro mesmo, no fim de três dias.

Pediu que cortassem uma vara comprida de pindaíba e fincassem ali no terreiro.

— Mas pra quê?

— É pra eu subir, virar **Āynnā** e depois voltar e comer a carne dos mortos de vocês.

Ninguém acreditava no que falava. E ele disse:

— Vocês vão ver...

Fincaram a vara no meio do terreiro. O homem fez um feixinho de varas leves e amarrou com cipó na cintura, com as pontas para baixo, pegou um xire com um pilão dentro. Fez fogo no chão e foi subindo na vara.

— Você vai cair!

— Não, eu não caio. Eu vou sempre ficar vivo e voltar para comer a carne dos mortos de vocês.

Ninguém acreditou que ia fazer isto. Mas chegou na ponta da vara, tocou fogo no feixe de varas da cintura, virou **Āynnā** e voou. Lá em cima o pilão caiu e fez o barulho ti-ti-ti-ti, igual ao trovão. O pessoal da terra escutou. O feixe rebentou e fez o barulho: — ulô-lô-lô...

Aquele risco do céu de noite — estrela cadente — é o rabo dele. Quando a gente, no tempo da seca escuta o barulho ti-ti-ti-ti, é o barulho do pilão dele e é sinal de que gente vai morrer. Quando se escuta o **Āynnā** piar de noite, é gente que vai morrer.

A CRIANÇA APRENDE A LÍNGUA

— Eu vou caçar mel. — Disse o vovô.

— Eu vou também. — Falou o netinho.

Sáram andando. De repente, o netinho gritou:

- Vovô, aqui tem pímaci.
 - Espera, eu vou matar pímaci. Onde ele está?
 - Olha aqui.
 - Esse não é pímaci. É pimatúm?maci. — Disse o vovô.
- Tiraram o mel e seguiram caçando. Daí a pouco, o neto gritou outra vez:
- Vovô, aqui tem namê?í?kulapaci.
 - Espera que eu vou ver.
 - Olha aqui.
 - Esse não é namê?í?kulapaci. O nome desse é pyapá.
- E o vovô repetiu: — pímaci é tatuzinho; pimatúm?maci é mel borá; namê?í?kulapaci é menina; pyapá é mel tata. Aprendeu agora?
- Aprendi.
- Continuaram caçando. O menino tornou a falar:
- Vovô, aqui tem muito nat?kulapá (gurizada).
 - Onde está nat?kulapá?
 - Está aqui, vovô.
 - Esse não é nat?kulapá, netinho. Esse a gente chama patãgaci (macaco).
- E foi sempre ensinando. Agora o netinho sabe falar tudo certo.

SAPO ENVENENA MULHER

Uma família vivia sozinha. Um dia a mulher pegou suas duas crianças e foi para outra aldeia. Aí teve vontade de comer carne. Deixou as crianças na aldeia e saiu para matar sapo. Encontrou uma cobrinha fina, matou e jogou no xire. Matou também um sapo pequeno e outro maior. Depois escutou um sapo maior ainda cantar dentro da lagoa. Procurou, encontrou e foi matar. O sapão disse:

— Você quer me comer? Espera aí, me rodeia primeiro, assim. . .

A mulher foi dar a volta, com o pau na mão. O sapo pulou por detrás no pescoço dela e cantou se balançando:

— Kamunnim sêvulu yawalu sêvulu. . .

A mulher caiu desmaiada. A cobrinha e os sapos do xire ficaram vivos de novo e chuçaram a mulher pelo nariz, boca e tudo e foram embora.

A mulher voltou a si e foi para a aldeia com o xire vazio. Pôs as crianças no peito e falou:

— Papai não caça pra nós. . .

As crianças morreram, porque mamaram na mãe envenenada pelo sapo. A mulher morreu também.

O homem chegou de tarde na aldeia e foi ver pelo rasto onde a mulher andou. Em casa, encontrou a mulher e as crianças mortas.

SAPO MATA HOMEM VIRADO ĀYNNĀ

Um homem foi tirar mel xupé com a mulher e a criança. Viu um xupé num pau grande. Fez um fogo embaixo e subiu, para cortar. Nessa hora, a mulher reparou que o marido virava Āynnā e falou:

— Eu vou ali urinar, com a criança.

Mas fez foi correr. O marido viu que a mulher demorava a voltar. Então gritou por ela. Mas ninguém respondeu. Saiu atrás, pelo rasto.

Debaixo de uma árvore, o rasto sumiu e lá em cima, um sapo cantava: — am-am-am...

O homem desconfiou do sapo e gritou para cima:

— Me deixa ir aí. Estou achando que você escondeu minha mulher e minha criança.

O sapo continuou cantando: — am-am-am... O Āynnā disse de novo:

— Eu vou subir. Abre a porta.

— Eu não escondi e nem vi sua mulher. Estou aqui só, cantando e comendo carregador.

Mas o Āynnā não acreditou. Subiu, arrombou a porta do sapo e entrou. O sapo flechou o homem e matou o Āynnā.

O HOMEM, O JATI E O JACARÉ

Um homem pediu ao jacaré para levar para o outro lado do rio.

— Está bem. Eu levo você, mas espera aí, que eu vou primeiro apanhar uns talos de buriti.

Enquanto isto, outro homem chegou e chamou a atenção:

— Cunhado, cuidado, o jacaré quer comer você. Faz assim: quando o jacaré chegar perto do barranco do rio, no outro lado, você dá um pulo no seco e corre.

O jacaré chegou com os talos de buriti debaixo dos braços e o outro homem ajudou a sentar no pescoço do jacaré.

Primeiro o jacaré deu uma volta ali por perto, para o homem perder o medo e depois foi atravessando o rio. O outro homem foi também. Quando iam chegando perto da barranca do outro lado, o companheiro cochichou no ouvido do homem:

— Pula!

O homem pulou depressa e correu. O jacaré afundou um pouco e quando pôs de novo a cabeça fora da água perguntou:

- Onde está o homem?
- Fugiu.
- Você contou.
- Não contei.

AS ONÇAS COMERAM PAI E FILHO

Um homem foi caçar. Matou coatá, macaco, queixada, e passou direto pela sua casa e foi jogar bola, até o escurecer, na aldeia da onça. A mulher saiu atrás do homem. No meio do caminho, nasceu um menino. Colocou-o num xire e deixou perto da água e voltou para a casa. O menino cresceu de repente e foi também para a casa e perguntou para a mãe:

- O papai aonde foi?
- Seu pai foi jogar bola em outra aldeia.
- Então eu também vou jogar bola com ele.
- Não, meu filho, é muito longe e lá é a terra das onças.
- Mamãe, eu vou assim mesmo. Arruma colares pra mim.

A mãe arrumou e ele foi. Quando chegou lá, o pai exclamou:
— Como que você veio para cá? Eu falei para a sua mãe que você não viesse.

As onças ficaram brabas e comeram o homem e o menino.

VARIANTE

Uma variante encerra assim:

As onças ficaram brabas e comeram o homem e deixaram o menino para criar. O menino virou gavião e sentou no pau. Depois voou e foi contar para a mãe:

- A onça comeu papai!
- Bem que eu falei, mas você teimou! — Disse a mãe.

O HOMEM E OS PEIXES

Uma criança estava tomando banho no rio e a matrinxã matou a criança. Seu irmão, um homem sabido, achou ruim e mandou fazer duas cercas no rio: uma em cima e outra embaixo. Na de baixo mandou deixar uma porta. E desceu o rio no tempo do caju-do-mato e outras frutas, com mais um companheiro. Levou uns pedaços de cobra para dar aos peixes.

Convidou todos os peixes para subir e comer fruta. Um homem ia na frente, outro atrás, os peixes no meio. Foram subindo o rio.

Chegou num ponto, a matrinxã falou:

— Aqui é que eu moro. Vou ficar.

— Não, no corregozinho mais para cima, é que tem muita fruta. Vamos subir.

Mais na frente, o robafo falou:

— Aqui eu moro. Vou ficar.

— Não, é mais para cima que tem fruta bastante.

Chegando na cerca, os peixes foram entrando e o pessoal da aldeia fechou a porta. Os dois homens que tangiam os peixes pularam fora. Bateram casca de piqui-do-mato dentro da água e envenenaram os peixes.

— Eu não matei a criança! — Falou o pacu e pulou a cerca.

— Eu também não fui! — Disse a matrinxã e pulou também.

— Nem eu! — Disse o robafinho e pulou.

Os outros peixes morreram todos. Os homens recolheram os maiores e deixaram o resto.

O BOM E O MAU CHEFE

Era uma maloca em que não faltava mandioca, cará, amendoim, araruta e outras coisas mais. O capitão matava tudo que era bicho e repartia. Ele fazia isto, porque era um capitão muito bom e a sua mulher era muito boa também. Todos viviam contentes e alegres com esse chefe. Mas um dia ele morreu. Aí procuraram outro homem para casar com a viúva.

O novo chefe não repartia as caças e mesmo faltavam coisas na aldeia. A sua mulher sempre dizia que era preciso repartir a caça com todos. Então o chefe começou a comer muito depressa, para não ter que repartir.

Um dia, o cunhado matou um porco e trouxe para a sua irmã, mulher do chefe. A mulher foi buscar amendoim na roça, para pagar ao irmão. Entretanto, o chefe comeu a cabeça do porco e deixou o osso escondido em cima na casa. A mulher chegou com amendoim, torrou e assou araruta. Perguntou:

— Onde está a cabeça do porco que eu deixei aqui?

— Eu não comi. — Disse o marido.

A mulher achou a cabeça em cima na casa:

— Foi você que comeu tudo! — Pegou a cabeça do porco e jogou nos testículos do marido. Esse caiu gritando de dor.

Todo o mundo foi embora. Só ficou o chefe com a mulher.

O RATINHO QUE CHORAVA

- Um ratinho chorava toda noite, de fome: pim-pim-pim...
- Que coisa você quer, ratinho? Cará?
 - Não.
- O rato continuava chorando: pim-pim-pim...
- Quer batata?
 - Não.
 - E cará preto?
 - Não quero.
 - Mas, feijão pequeno?
 - Não quero.
 - Agora, é araruta!
 - Não, não quero.
 - Semente de abóbora, melancia, milho?
 - Não. Milho é duro.
 - Você quer amendoim?
 - Sim, quero amendoim!...
 - Então, não chore mais. Quando papai amanhã for dormir, eu dou amendoim para você.
- O rato não chorou mais.

ĀYNNĀ MATOU E MORREU

Um dia Āynnā foi a uma aldeia e deu fumo para o pessoal e todos foram conversando e fumando, menos duas mulheres.

O marido da mulher mais velha não estava presente. Ela queria que o marido voltasse logo, porque todo o mundo que fumou morreu. Foi esperar no caminho. Quando viu o marido disse:

- Chega depressa! Todo o mundo morreu com o fumo do Āynnā.
- Foi muito Āynnā que chegou aqui?
- Não. Foi só um e é muito magro.
- Deixa que eu mato esse Āynnā: ainda vem comer os mortos.

Pegou um porrete, deitou em cima. Fingiu de morto. Chegou o Āynnā para buscar os mortos. A mulher falou:

— Leva esse aí primeiro. Depois você volta para levar outro e então eu vou com você também.

O Āynnā pegou o morto que ela mostrou e saiu carregando nas costas. O marido levantou, seguiu e alcançou o Āynnā. Deu com o porrete na canela dele. Acabou de matar e jogou no mato. Voltou e enterrou os mortos.

O HOMEM E A CARAMUJA

Um homem toda vez que ia na lagoa tomar banho falava:

— Eu queria uma mulher, eu não tenho mulher...

A caramuja escutou e se ofereceu para ser sua mulher. Grudou nas costas do homem e foi com ele para casa. Mas a caramuja começou a comer as costas do homem. Fez um buraco grande. O homem nem podia dormir. Passava a noite sentado. Foi emagrecendo cada dia mais. Disseram para ele:

— Leva essa mulher de volta para a lagoa. Ela está comendo toda a sua cacunda.

— É verdade, não quero mais essa mulher.

O homem foi tomar banho com a caramuja e disse para ela:

— Fica aí, perto desse toco. Vou tomar banho e depois volto.

A caramuja quando se viu sozinha, grudou num pé de buriti.

O homem depois sentiu falta de sua mulher e foi na lagoa procurá-la de novo. Chamou, chamou... A caramuja nem se mexeu no pé de buriti.

A VINGANÇA DO VELHO

Um velho foi caçar. Quando veio chegando de tarde, viu um moço sair de casa com a irmã do mesmo velho.

— Esse moço fez besteira com minha irmã... — Pensou o velho.

Logo a moça saiu para apanhar lenha. O velho disse para o moço:

— Eu vi muito mel no mato. Amanhã eu vou tirar.

— Eu vou também com você.

Quando amanheceu saíram. Lá no mato, o velho disse:

— Você sobe e eu fico aqui embaixo para aparar.

O moço subiu, tirou o mel para ele e só jogou os filhotes e o angu do mel para o velho. O velho sentou e comeu. Depois, levantou a flecha para o moço e disse:

— Olha, cunhado, você fez besteira com minha irmã. Agora vai morrer. — E flechou bem no peito.

Tirou ainda o resto do mel, pôs numa cabaça e foi andando. Mas não voltou mais em casa. Desapareceu.

A SOVEIRA CHORA

Um homem foi trabalhar na roça. Quando foi chegando, viu uma mulher correr de dentro da roça e entrar num pé de soveira. No outro dia, viu a mulher correr outra vez para a soveira. Via sempre fazer assim. Pensou: — Um dia eu vou pegar essa mulher!

O homem tapou o oco da soveira e foi cercar a mulher. Ela correu, mas encontrou a porta da soveira fechada. O homem pegou a mulher e levou para a casa. A mulher fazia chicha e beiju para homem.

Passou tempo. O homem aumentou a roça e derrubou a soveira. Quando chegou da derrubada, foi tomar banho com a mulher. Essa viu o leite de soveira no rosto dele e começou a chorar:

— Acho que você derrubou a minha casa! — Chorou, chorou e depois foi ver o pé de soveira.

Ficou lá rodeando, rodeando, chorando... Até hoje a mulher chora rodeando o pé de soveira.

NAMBUZINHA ENSINA FAZER REDE DE ALGODÃO

Uma mulher sempre se sentava na porta da casa para fazer fio de tucum para rede. Um dia ouviu uma nambuzinha cantar perto. Falou:

— Quería comer aquela nambuzinha!...

Daí a pouco, chegou a nambuzinha e disse:

— Você queria me comer? Então me come!

— Ah, você é gente? Eu pensei que era passarinho.

— Pra que são esses fios de tucum?

— Para minha rede.

— Espia aqui debaixo das minhas asas e vê como tenho muito enfeite de algodão! Minha mãe também tem muito. Nós dormimos em rede de algodão.

— Então traz pra mim, eu preciso muito desses enfeites.

A nambuzinha foi buscar algodão para a mulher e trouxe um xire cheio. Ensinou a descarregar o algodão e fiar no fuso e ainda deixou os caroços para a mulher plantar. Também fez uma rede para a mulher ver. Depois foi embora.

A FLAUTA DA PERDIZ

O lagarto estava tocando flauta: — kuni, ten, nê sim... Chegou a perdiz e disse:

— Você toca bem, cunhado.

Ela também tinha uma flauta de osso e falou:

— Eu vou tocar também para você ouvir.

Tocou: — kuni, tim, nê sim... — E ofereceu a flauta ao lagarto.

O lagarto tocou na flauta da perdiz.

— Me dá outra vez, eu quero tocar de novo. — Disse a perdiz.

O lagarto devolveu a flauta e a perdiz tocou mais um pouco. Depois saiu voando e caiu lá longe ainda tocando. O lagarto gritou:

— Me dá essa flauta, cunhada!

— Só tenho essa.

— Me dá, me dá, cunhada! — Saiu o lagarto gritando atrás da perdiz.

— Só tenho essa...

Foram indo até que a perdiz atravessou o rio. O lagarto subiu num pau que pendia por sobre o rio. Mas escorregou e caiu. Virou lagarto do rio. Antes era lagarto do campo.

O PAI NÃO ENSINOU TOCAR FLAUTA

Um homem estava doente. Sua mulher fazia tempo, vinha pensando em outro homem. Aproveitou a doença do marido e foi embora. O filho mais velho tratava do pai com remédios do mato. Foi indo, foi indo, o homem ficou bom. Então o filho fez um colar de continhas e colocou no pescoço do pai, para ver se a mãe vinha gostar de novo dele. Mas ela não quis mais.

O filho fez ainda uma flauta yakuli e o pai cantou e dançou com os filhos, uma tarde, uma noite e mais meio dia. Quando pararam de dançar, o filho mais velho morreu. Enterraram dentro de casa.

Quando foi bem de noite, o pai e os filhos ouviram o filho tocar flauta no céu. O pai olhava para a sepultura e dizia:

— Queria encontrar o meu filho!

Os filhos mais novos, dias depois, pediram:

— Papai, ensina a tocar flauta!

— Não, meus filhos, senão vocês vão morrer e tocar flauta no céu também.

E não ensinou.

O HOMEM VIRA PORCO-DO-MATO

Um homem saiu com seu irmão buscar porco-do-mato, para a aldeia. Quando encontraram o primeiro, o homem falou para o porco.

— Lá tem fruta. Vou mostrar para você.

O irmão do homem foi na frente, o porco-do-mato no meio e o homem atrás. Em vez de ir para a fruteira, levaram o porco para a aldeia. Quando iam chegando, um rapaz flechou o irmão do homem, por causa da mulher. Mesmo assim, o pessoal da aldeia cercou o porco-do-mato. O homem ficou zangado:

— Meu irmão vai caçar comigo pra vocês, e vocês ainda matam!

E o pessoal ficou com medo do homem. No outro dia, pediram ao homem que fosse buscar mais porco. O homem disse:

— Vocês mataram meu irmão e agora sem companheiro, não dá de trazer porco!

Falou isto, saiu correndo, entrou no mato e virou porco.

ĀNYŪM NÃO CANTA MAIS

Faz tempo, Ānyúm (sapo) pegou muita formiga. Socou e comeu no oco do pau. Ficou alegre e começou a cantar. Outro sapo gostou do canto, veio pra perto e disse:

— Você canta bonito. Será que eu também sei cantar assim?

— Ah, você canta igual a mim!

O companheiro viu a formiga do Ānyúm e falou:

— Você comeu formiga? Eu nunca comi.

— É gostoso.

— Eu só como calango, tucurazinha e cobra. Mostra pra mim onde que tem formiga.

Foram os dois e furaram um formigueiro com um pauzinho. O sapo que não comia formiga foi pegando e comendo assim como estavam, sem socar. Uma formiga mordeu na garganta dele e ele morreu. O sapo que comia formiga socada ficou triste e não canta mais.

A MINHOCA E O CALANGO

Um dia a minhoca falou para o calango:

— O tempo hoje está bom. Vamos caçar tucura no campo pra comer.

— Vamos.

Foram muito longe e comeram muita tucura. Quando acabaram de comer, a minhoca mandou chover. Choveu tanto, que o calango quase morreu de frio. Mas assim mesmo chegaram em casa e o calango já pôde esquentar no fogo.

No dia seguinte, o calango falou para a minhoca:

— Essa chuva não pára. Assim mesmo eu queria caçar mais tucura, pra comer. Você vai outra vez, minhoca?

— Vou.

Quando estavam no campo, o sol saiu e começou a esquentar o chão. Esquentou tanto, que a minhoca não agüentou mais e rebentou. Nem deu para chegar em casa: morreu.

O CAJU GRANDE E O PEQUENO

De primeiro, o caju grande e o cajuzinho moravam no campo. Um dia, o cajuzinho disse: — Eu vou experimentar morar no mato.

Depois de um tempo, o caju grande foi lá e perguntou:

— Como é, você está bonito aqui no mato?

— Não. Eu aqui não estou bonito. Vou voltar de novo para o campo. Agora, você experimenta morar aqui no mato.

O caju grande ficou no mato. Passou tempo e o cajuzinho foi ver o caju grande:

— Como passa aqui?

— Estou muito bem. Olha como estou bonito e a minha fruta bem vermelhinha! As mulheres só me olham, mas não me tiram... E você como está no campo?

— Lá eu também estou indo muito bem.

Então ficaram assim até hoje: o cajuzinho no campo e o caju grande no mato.

O TATU E A MULHER INFIEL

Eram um homem e uma mulher casados e tinham várias crianças. O homem não caçava para a família. Então a mulher sempre saía para o mato e lá tirava mel com o tatu e esse abusava dela. Um dia, o homem estava sentado fora da casa fazendo xire e ouviu as crianças falarem:

— Daqui a pouco, os nossos pais vão trazer mel para nós.

— Não, eu não fui tirar mel. — Disse o pai e ficou desconfiado.

Outro dia, quando a mulher saiu para o mato, o marido foi atrás e encontrou o tatu abusando da sua mulher, dentro de um buraco. Matou o tatu na hora e deu uma surra na mulher que quase morria também. A mulher não voltou mais a tirar mel. As crianças começaram a passar fome. A mulher disse para as crianças:

— Tá vendo, vocês foram contar para o seu pai que o tatu me dava mel, agora estão passando fome!

A MORTE DO ENVENENADOR

Um homem começou a envenenar criança. Pôs veneno num beiju e morreu uma criança. Pôs na chicha e morreu outra. Na batata, e morreu uma moça bonita. E foi envenenando.

— Esse homem está matando muita gente. Vamos acabar com ele.

O envenenador fugiu para outra aldeia. Os homens foram atrás dele. Quando o primeiro chegou na aldeia onde ele estava, o envenenador desconfiou e perguntou:

— Onde é que você vai?

— Vou jogar bola na aldeia lá na frente.

Foram passando, um depois do outro. O envenenador sempre perguntando onde ia... A resposta era sempre a mesma.

Os dois últimos ficaram na aldeia do envenenador e o mataram. Depois os outros voltaram e jogaram n'água.

A MOÇA VIROU PEDRA

Uma moça foi de tardezinha buscar lenha. Quando o xire estava cheio e ficou de cócoras, para colocar a embira do xire na testa, virou pedra.

Escureceu e a moça não voltou. Acharam que a onça tinha comido. No dia seguinte, foi todo o mundo procurar a moça, seguindo as pegadas. Encontraram o xire cheio de lenha e uma pedra ao lado.

— Vamos levar só o xire para a casa. A pedra é muito pesada.

Ainda amontoaram capim em cima da pedra e puseram fogo. A pedra gritou:

— Quente! quente! — E deu um pulo de lado e caiu ali perto.

Puseram fogo outra vez: pulou de novo. Mais um fogo: mais um pulo. Sempre assim.

O RATO E A ANTA

A anta e o rato encontraram fruta da farinha-seca. O rato ficou comendo fruta e não fazia barulho e nem deixava rasto. A anta foi cavocando e fazendo um monte grande de terra.

Depois de um tempo, a anta saiu para ver o rato:

— Você não faz barulho. Agora você vai cavocar buraco.

O rato entrou no buraco e a anta fazia um estrondo, quebrando os paus, que estavam debaixo da fruteira. O rato viu que a anta devia ficar fora comendo fruta. A anta então disse:

— Está certo, você fica no buraco e eu fico fora comendo fruta.

E assim é até hoje. Os dois eram irmãos: a anta era mais nova.

O CONSELHO DO TROVÃO

Começou a trovejar longe. Um homem sabido saiu de casa e foi se encontrar com o trovão. O trovão falou:

— Eu vi, na outra maloca, uma criança brincando perto do fogo e caiu dentro e morreu. Olha aqui a alma dela!

Mas o homem só viu um sapinho na mão do trovão e disse:

— É, as crianças gostam sempre de brincar perto do fogo, quando você vem.

— Não deixem as crianças brincar perto do fogo e nem as mulheres apanhar lenha, quando eu for chegando. — Ensinou o trovão.

O trovão foi embora. Todo o mundo foi à outra maloca para ver. Era verdade: a criança tinha morrido mesmo.

O XIRE DO TATU

O tatu estava fazendo xire. Quando estava perto do pescoço do xire, saiu para urinar. Chegou a seriema e continuou a fazer o xire, mas com os buracos muito grandes. Quando o tatu voltou, falou para a seriema:

— Você estragou o meu xire. Esses buracos estão muito grandes.

O tatu pegou o xire e continuou a fazer da sua maneira. Por isto, o xire de hoje tem os buracos pequenos no pescoço.

A MULHER E A FORMIGA-CARREGADOR

A rã estava casada com uma mulher. Essa mulher sempre apanhava carregador, torrava, socava e guardava. A rã de dia estava escondida na coberta da casa. De noite descia e comia o carregador torrado e dormia com a mulher.

Era sempre assim.

Um dia, a irmã da mulher furou a barriga da rã e viu que era a rã que comia todo o carregador. A mulher ficou braba e daí pra frente não guardou carregador, mas dava pra todo o mundo.

O CAMINHO DO CÉU

Um moço estava perto de morrer. Falou para a mãe:

— Mamãe, eu vou morrer, mas vou deixar um risco para você me acompanhar depois.

O moço morreu e enterraram dentro da casa.

A mãe saiu fora um pouquinho e se lembrou do risco: — eu vou lá ver.

Entrou na casa e viu uma casa de cupim, que saía da sepultura e ia até um pau e sumia: era o risco.

A ANTA TROUXE A ÁGUA DE NOVO

Primeiro havia água. Depois Ivyaxi quis abusar de uma mulher, mas ela não deixou. Ivyaxi ficou brabo: pegou toda a água e botou dentro da taquara.

Noutro dia, a mulher saiu procurando água. A anta escutou o barulho da mulher, assustou e correu: quebrou as taquaras.

A água tornou a se espalhar de novo.

OS HOMENS VIRARAM PEDRA

Os homens de uma aldeia foram pescar, menos um velho. Depois que eles saíram, nasceu uma criança. O velho foi contar. Chegando onde estavam os pescadores, disse:

— O pai da criança é para voltar agora mesmo!

Ninguém respondeu nada, nem mesmo o pai da criança.

Por causa disto, viraram pedra. Em casa, o velho viu que a criança tinha virado pedra também.

O P I Q U I

Faz tempo Iránxe não comia piqui. Um dia os meninos começaram a assar piqui e comer escondido. A mãe descobriu e disse que a gente não come essa fruta e chamou para comer outras frutas.

Os meninos contaram para as meninas:

— Estão vendo como a gente come e não morre?

As meninas mostraram a fruta para a mãe. A mãe ficou curiosa e comeu também e ensinou para os homens.

Iránxe agora come piqui.

O VELHO VIROU RATO

Um velho vivia inventando que doíam os dentes. Passava os dias e as noites chorando.

Sempre que a mulher perguntava o que era, dizia que o dente estava doendo.

Um dia, todo o mundo foi caçar. Então pegou todas as coisas da casa, enterrou e depois virou rato.

A MORTE DA LUA

Morreram dois velhos e foram enterrados. As almas deles foram lá para cima. Mataram a lua com um pau e enterraram bem rasiinho.

Um outro velho lá da lua mesmo entrou no mato, preparou um remédio, passou na lua e a lua viveu de novo.

O PAI NÃO ENSINOU TOCAR FLAUTA

Myanín
ya. u. yômakade. yunātā
alenkuntayomùm.
Namêlinín
tatámakad. yunātā
takenpapywmakade. yunātā
myadonn. kentoli.
Ulapamipywnin
awalí
píninin
mecinnmakade. yunātā
tamìn
mesosomakad. yunātā.
Nèh. namāhā
takopoynyolí
tāpa. xepama. kade. yunātā
mimākòhù
Inxákò
tāpa. ma?kade?inātā
tèpù. inkòhù.
Nèh. namāhā
takenparakerā.
Mia
walamakade. yunātā:
seyn. akè
urupá
tatālin
takadecywsānātā.
Nèh. namāhā
myalentākenā
walapywmakade. ywnātā
katendíri
takalutayamā
ñawiri.
Ulapalí
tatālitakade. ywnātā
māytā.
Nèh. namāhā
ulama. kade. ywnātā
katénrení.
Nèh. namāhā
ulanāpirāpywma. kade. ywnātā
myalenta

Um homem
ficou doente
já estava para morrer.
Mulher dele
largou dele
casou com
outro homem.
O filho mais velho dele
apanhar
remédio
tratou
depois
sarou bem.
Agora
contou
amarrô
no braço
conta (branca do brejo)
amarrô
na cintura.
Agora
casou outra vez.
Homem
respondeu:
você (senhora)
zangada
me largou
não quero mais.
Agora
filho dele
mandou buscar
flauta
trazer
para mim.
Como
largou
escondida (tua mãe).
Agora
cortou
taquara.
Agora
começou a dançar
com

nākenā.
Pitayomenā
ulanāpirapywma . kade . ywnātā
ldémoytaykê
umã . ma . kadeywnātā.
Nèh . namāhā
alèn . ma . hade . ywnātā .
Māynā
tolunamakade?ywnātā
katentiri
nākāahummkeytama . ka .
Ulápāni
alen . ma . kade , ywnātā .
Māynā
malatanole . pamakade . ín .
Mùntoma . kade . ywnātā .
Madonnkehi
alôkalipiri
motoma . kade . ywnātā .
Nèh . namāhā
malatodolimpali
itu . makade?yunātā .
Nèh . namāhā
alôni . ipiri .
Poyasumakade . ywnātā .
Nèh . namāhā
myalentá
myāmuni
ulānāma . kade . ywnātā
opann . tahá
pita . yomenā .
Nèh . namāhā
myalentá
māynānin
toximyapywma . kade?ywnātā .
Olānāma . kade . ywnātā
māynānin
Areyā
inani
yakukyā
poytipukini?
Māynā
walā . makade . ywnātā :
matanapiraparekywnin
alenu .
Nywmakade . ywnātā .

os filhos.
Meia-noite
começou a dançar
meio-dia
parou.
Agora
morreu.
O pai
enterrou
taquara
enterrou junto com ele.
O moço
que morreu.
O pai
ficou triste.
Escureceu.
Outro dia
de tarde
descansou.
Agora
ficou triste
dormiu.
Agora
sonhou.
Acordou.
Agora
filho dele
alma dele
dançou
no céu
meia-noite.
Agora
filho mais novo
pai dele
chamou.
Dançou
pai dele.
Papai
história
ensinar
conta pra mim?
O pai
falou:
com esse que nós tocávamos
morrer.
Não dá de ensinar para vocês.

O RATO E A ANTA

Yakxí
wala . makade . ywnãtã:
anã . mãdí
patãnkê
kotulintòpone.
Adé . í
patãnkê
kotulintopani
walamakade . ywnãtã
operùní.
Nèh . namãhã
yawnumakade . ywnãtã
operùní
mutwalamu .
patákeyta
omakade . ywnãta
operùní.
Yakxí
matamakade . ywnãtã
ãynã
mònahã.
Nèh . namãhã
operùní
tolopyã
mãynntxí
aniverhtê
mata . makade . ywnãtã
ãynã
mònahã.
Nèh . namãhã
operùní
walamakade . ywnãtã:
cenolí
yanunkulakiní
pátãnkehù
yakxíninkenã
operùní
walamakade . ywnãtã.
Yanunkun . makade . ywnãtã
yakxí.
Tomátápalãmpsí

O rato
falou:
vamos ver quem vai
na terra (dura)
fazer barulho.
Eu
na terra (dura)
vou fazer barulho
respondeu
a anta.
Agora
entrou
a anta
amontoando
terra (fofa)
indo (na terra)
a anta.
O rato
comeu
farinha seca
fruta.
Agora
anta
espiar
rasto
não apareceu nada,
comeu
farinha seca
fruta.
Agora
a anta
falou:
você
entra
na terra (dura)
rato
anta
falou.
Entrou
rato.
Amontoando

ohma . kade . ywnātā .
Nehnamāhā
operù . myapá
tekalepá
mátamakade . ywnātā
āynā
mòynnkehù .
Nèhnamāhā
yakxí
cipywkumakade . ywnātā .
Yáxí
tola . makade . ywnātā
operùninkenā .
Yakxiní
wala . makade . ywnātā :
seinekeruní
tah . makade . ywnātā .
Operùninkenā
yakxiní
walah . makade ? ywnātā :
nèh . namāhā
arekaneropáni
pátānkehù
tah . makade . ywnātā
yakxiní .
Operù
walah . makade . ywnātā :
takiní
kakeyenā
tamakade . ywnātā .
Nèh . namāhā
to . sanamakade . ywnātā
yakxiní
mi . inkehù .
Inā
madoni
nèh . namāhā .
Yakxí
mipulí
neh . min . makade . ywnātā
operùnamā
kyapùih . makade . ywnātā .

já está indo.
Agora
anta
quebrando pauzinho
ficou comendo
farinha seca
fruta.
Agora
rato
saiu de dentro do buraco.
Rato
foi espiar
a anta.
O rato
falou:
Agora você
fica aí no meu lugar.
A anta
rato
falou:
agora
eu mesmo
na terra ficar
falou
o rato.
Anta
falou:
é verdade
você mesmo
falou.
Agora
entrou
o rato
dentro do buraco.
História
acabou
agora.
O rato
irmão
mais velho era
a anta
era mais nova.

O CAJU GRANDE E O PEQUENO

Mukolorí
iryùinin
invinín
ip. kekakare. ywnãtã
manãhã.
Iryùinin
wala. ma. kade. ywnãtã
invinkenã:
Adê. i
pôynnkê
ip. kenetã
sein. namã
mãynkê
ip. kenen.
Nèh. namãhã
oh. makade. ywnãtã
poynnkehù
iryùini.
Invinin
i. ma. kade. ywnãtã
mãyntakanã
Nèh. namãhã
iryùinin
mòtoh. ma. kade. ywnãtã.
Nèh. namãhã
ínvinkìoh
mòromakade. ywnãtã.
Nèh. namãhã
irícm
walá. makade. ywnãtã:
pòkararatin
paninêtarênin
menin.
Nèh. namãhã
invin
oma. kade. ywnãtã
olamntali
olaminã.
Iryùinin
walamakade. ywnãtã:
keytanã
sinkínã
takalah?tya?deyní.

Antigamente
cajuzinho
e caju-do-mato
moravam juntos
no campo.
Caju do campo
falou
para o caju-do-mato:
Eu
mato
morar
você
campo
morar.
Então
foi morar
no mato
cajuzinho.
Caju-do-mato
ficou morando
no campo.
Agora
cajuzinho-do-campo
ficou maduro no mato.
Agora
caju-do-mato também
ficou maduro (no campo).
Agora
caju-do-campo
falou:
venha ver
qual de nós fica no mato
melhor.
Agora
caju-do-mato
foi espiar
que está no mato
quando.
Cajuzinho-do-campo
falou:
então
você também
vamos espiar.

O CAMINHO DO CÉU

Ya . yohpu
muamòtelí.
Tadnāmāhā
walapa . maka . de . ywnātā
mywkinā:
alengkulopara,
mèlin!
Alenkulolí
xirikipa . salopara
mèlin!
Myamòtelí
alen . makade . ywnātā.
Myu
tolunālenpamákade . ywnātā
ulapá.
Takasomakade . ywnātā
mywnin
eypanātapùh
xiriki
parammtalí
waladā . kade . cywní.
Mywnin
olammtalí
xirikipakòkyanin.
Oyanamakade . ywnātā
in . ninkòhù
olapamin.
Innā
toluna
pakapwynkeykyā
pukú
malemmkèin
omakade . ywnātā
a . íamanā
opò(ku)makade . ywnātā
malemmkèyenin.
Nèh . nyamāhā
ināní
myado . ní.

Está doente
moço.
Depois
falando
mamãe:
eu vou morrer,
mamãe!
Quando eu morrer
vou deixar um risco
mamãe!
O moço
morreu.
A mãe
enterrou
o filho dela.
Lembro
mãe dele
depois que
risco
ia deixar
ele falou.
Mãe dele
foi espiar
risco.
Entrou
dentro da casa
foi espiar.
Caminho
saiu
da sepultura
saiu
cupim
subiu
pau pequeno
subiu
cupim dele.
Aí
história
acabou.

O RATINHO QUE CHORAVA

Kòpùh. yámãci	O ratinho
walamãnohu	estava com fome
panãlempa:	chorava:
Pi... pim... pimm...	
Myunin	Mãe dele
takapá.kareyú.	não sabia o que ele queria.
Myu	A mãe
pārim.makareyú:	perguntou:
kumatá?a	feijão-fava
tininxintorapara?	vou cozinhar para você?
Teyrapá! Pwytamáka!	Não! Duro!
pim... pim... pim...	
Yauala.wì	Araruta
tinxintopara?	vou assar para você?
Teyrapá! Yèdèmáka!	Não! Tem cisco no meio!
pim... pim... pim...	
Onã	Cará
texintopara?	assar para você?
Teyrapá! Kywmáka!	Não! Limpo por dentro!
pim... pim... pim...	
Kuratu	Milho
tapinxinto.para?	assar na cinza?
Teyrapá! Pwyta?máka!	Não. Duro!
Kulitakè	Amendoim
atxiroxim.yèyá?	vamos ciscar pra você?
Ninkinanã	Por esse mesmo
parãlenpadadá.	que estou chorando.
Olí	Espera
kèytanã	primeiro
kulitakèkyakiní	o dono do amendoim
itywkolotiã.	ele vai dormir.
Tamin	Depois
atxirodala.yeytá.	nós vamos apanhar para você.
Tamnãnyãmahã	Depois
yaptômakareyú.	não chorou mais.

Í N D I C E

Os filhos da anta	1
Uma visita ao outro mundo	8
O sol novo	11
Variante de "O sol novo"	12
Um homem virou tamanduá-bandeira	14
A onça e o tamanduá-mirim	16
Os três órfãos	18
O convite de Yákohlo	21
A morte de Wanali	23
A mulher do beija-flor	25
O morcego e a cunhada	27
A flecha que caçava sozinha	29
A onça virou moça	31
A moça e a anta	32
A mulher desconfiada	34
Origem da roça e da yetá	36
A mulher magra	37
O fim das estrelas	39
A volta da alma	40
A gravidez de uma mulher	42
A moça magra	43
O barulho dos saltos	44
O velho matava as moças e comia	45
O tamanduá-mirim e os caçadores	47
A moça e o lobão	48
A morte de Māpsí	49
A origem da lua	50
Por que vivem espalhados os animais	51
A anta e a sucuri	52
A sucuri mata o homem virado Āynnā	53
A origem dos povos	54
Origem do dia (I)	55
Origem do dia (II)	55
O morcego e o milho	56
O homem queria comer carne	57
O castigo da moça	58
O caçador de mambucão	58
O aviso de In?nuli	59

A nambu e o gambá	60
Homem vai comer carne de gente	61
A criança aprende a língua	61
Sapo envenena mulher	62
Sapo mata homem virado Āynnā	63
O homem, o jati e o jacaré	63
As onças comeram pai e filho	64
O homem e os peixes	64
O bom e o mau chefe	65
O ratinho que chorava	66
Āynnā matou e morreu	66
O homem e a caramuja	67
A vingança do velho	67
A soveira chora	68
Nambuzinha ensina fazer rede de algodão	68
A flauta da perdiz	69
O pai não ensinou tocar flauta	69
O homem vira porco-do-mato	70
Ānyúm não canta mais	70
A minhoca e calango	71
O caju grande e o pequeno	71
O tatu e a mulher infiel	72
A morte do envenenador	72
A moça virou pedra	72
O rato e a anta	73
O conselho do trovão	73
O xire do tatu	74
A mulher e a formiga-carregador	74
O caminho do céu	74
A anta trouxe a água de novo	74
Os homens viraram pedra	75
O piqui	75
O velho virou rato	75
A morte da lua	75
O pai não ensinou tocar flauta	76
O rato e a anta	78
O caju grande e o pequeno	80
O caminho do céu	81
O ratinho que chorava	82

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guarani em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas, 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Bacia Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Munkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S.J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968. Antropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. Pesquisas 1969, Antropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig, 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1.ª parte** — Pedro Ignacio Schmitz e outros — Pesquisas 1970, Antropologia nr. 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1971, Antropologia nr. 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nambikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J. — Pesquisas 1973, Antropologia nr. 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nambikuára. Lendas dos Índios Nambikuára** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J. — Pesquisas, 1974, Antropologia nr. 26, 54 pp.

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisas e artigos dos professores e alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinatórios.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres

Endereço:

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Praça Tiradentes, 35

93000 São Leopoldo — RS — Brasil

ESTUDOS LEOPOLDENSES

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de São Leopoldo**

Publica trabalhos de pesquisas dos professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

História e Ciências Sociais — História Natural

Filosofia — Letras — Matemática — Educação

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

**Endereço: Estudos Leopoldenses — Praça Tiradentes, 35
93000 São Leopoldo — RS — Brasil**